

**UNIVERSIDADE FEEVALE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS**

MAGDA ROSÍ BRODBECK

***SteinHaus*: Espaço de Vivências Culturais**

Novo Hamburgo

2015

MAGDA ROSI BRODBECK

***SteinHaus*: Espaço de Vivências Culturais**

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela
Universidade Feevale.

Professores: Alessandra Migliori do Amaral Brito
Carlos Henrique Goldman
Geisa Tamara Bugs

Orientadora: Suzana Vielitz de Oliveira

Novo Hamburgo

201

AGRADECIMENTOS

Embora solitária, esta travessia só foi possível por contar com a ajuda e o apoio de muitas pessoas.

Agradeço a toda a minha família pelo apoio irrestrito e a presença confortante nos momentos difíceis, pela força e pelo carinho de todos. Em especial à minha amada mãe, por estar sempre disposta e pronta a ajudar no que for preciso e de todas as formas, tornando a travessia mais confiante, com a certeza e a segurança da sua presença sempre ao meu lado. Ao meu tio José, que me encorajou e ajudou a financiar este sonho, e que sempre confiou e apostou muito em mim. À minha querida e amada vó Lacy, agradeço pela dedicação em tornar meus dias mais leves com o seu enorme carinho, e por me ensinar a montar em cavalos selados quando estes passam por nossa vida.

Agradeço aos meus melhores e mais próximos amigos, que são a minha segunda família, à eles agradeço imensamente por todo amor, paciência e torcida. São vocês, a base forte para os meus dias mais difíceis e a companhia perfeita para celebrar os felizes. Simplesmente essenciais e insubstituíveis.

À Charlene Koetz pela grande amizade, parceria, paciência e ensinamentos neste tempo de estágio e convívio diário, sendo, sem dúvida, uma grande inspiração.

Sou grata aos professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale, que tanto me auxiliaram a fazer esta travessia. À Cinzia Conti, pelos ensinamentos durante os meus estudos na *Università degli Studi La Sapienza*, me inspirando e plantando em mim o gosto, a admiração e o amor em relação ao assunto do Restauro Arquitetônico, e pelo auxílio em minha pesquisa, diretamente de Roma, se colocando à disposição com toda dedicação e simpatia.

Em especial agradeço imensamente à minha orientadora Suzana Vielitz de Oliveira, pelo apoio e disponibilidade constante e pela orientação cuidadosa e profissional, tornando-se, além de tudo, uma amiga que me deu a mão para juntas trilharmos esta etapa final da graduação.

“A conservação dos monumentos é sempre favorecida
por sua destinação a uma função útil à sociedade.”

(Artigo 5º, Carta de Veneza, 1964)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 TEMÁTICA	8
2.1 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL	8
2.1.1 O Brasil e as cartas patrimoniais	9
2.1.2 Patrimônio Imaterial	11
2.2 RESTAURAÇÃO ARQUITETÔNICA	12
2.3 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL	14
2.3.1 A história e a cultura na cidade de Igrejinha	16
2.3.2 História da edificação – A “Casa de Pedra”	17
2.3.3 Preservação do Patrimônio cultural na cidade de Igrejinha	19
2.4 OFICINAS CULTURAIS, CENTRO CULTURAL E MEMORIAL	21
2.4.1 Oficinas Culturais	21
2.4.2 Centro cultural	22
2.4.3 Memorial	23
2.5 OS “SABERES” E O PATRIMÔNIO IMATERIAL LOCAL	24
2.5.1 As sociedades de canto na cidade de Igrejinha	25
2.5.2 A cultura da Música e das orquestras na cidade de Igrejinha	27
2.5.3 O idioma e o dialeto alemão na cidade de Igrejinha	28
3 JUSTIFICATIVA DA TEMÁTICA	30
4 MÉTODO DE PESQUISA	31
4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	32
4.2 ESTUDO DE CASO: A PRÉ-EXISTÊNCIA	32
4.2.1 Memorial Descritivo - Apreciativo	36
5 ÁREA DE INTERVENÇÃO	44
5.1 O LOTE	45
5.2 LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO E DE VEGETAÇÃO	47
5.3 CONDICIONANTES AMBIENTAIS	48
5.4 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO LOTE	49
5.5 ENTORNO	51
5.6 ÍNDICES URBANÍSTICOS	52
5.7 FLUXO VIÁRIO	53
6 ESTUDO DE REFERÊNCIAS	54

6.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS E FORMAIS _____	54
6.1.1 Casa da Cultura de Pinhel (ARCHDAILY,2015). _____	54
6.1.2 Centro de Interpretação do Pampa _____	58
6.1.3 Menção honrosa do Concurso para Nova escola de música de Bressanone. _____	60
6.2 PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS _____	62
6.2.1 County Cork Painter's Studio _____	62
7 PROPOSTA DE PROJETO _____	64
7.1 PÚBLICO ALVO _____	67
7.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO _____	67
7.3 ESTUDOS DO PARTIDO E VOLUMETRIA _____	69
8 NORMAS TÉCNICAS _____	71
8.2 NBR 9050/2004 - ACESSIBILIDADE, MOBILIÁRIOS, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS	71
8.2.1 Acessos e circulações _____	71
8.2.2 Acessibilidade em imóveis tombados _____	72
8.3 NBR 9077/2001 - SAÍDAS DE EMERGÊNCIA _____	73
8.4 NBR 5626/98 - DIMENSIONAMENTO DOS RESERVATÓRIOS _____	73
9 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS _____	74
9.1 INTENÇÕES DE PROJETO e de restauro _____	74
9.1.1 Gabião _____	74
9.1.2 Isolamento Acústico _____	76
10 CONCLUSÃO _____	78
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	79
12 APÊNDICE _____	82
12.1 Inventário do Patrimônio Histórico Arquitetônico e Artístico de Igrejinha _____	82
12.2 Assessoramento com a Professora Cinzia Conti da <i>Università degli Studi di Roma – La Sapienza</i>	83
12.3 Entrevistas _____	84
12.3.1 Entrevista Juliano Müller _____	84
12.3.2 Entrevista Dalva Reinheimer _____	86
12.3.3 Entrevista Ernani Peters _____	88
12.3.4 Entrevista Anibal Sander _____	89

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa reúne informações, dados relevantes e relatos históricos que respaldam teoricamente um projeto para o restauro da antiga 'Casa de Pedra' da cidade de Igrejinha. Esta edificação é um marco histórico da imigração alemã e tem seu valor reconhecido, mas carece urgentemente de ações restaurativas e preservativas, a fim de evitar a sua perda. Apresenta-se neste trabalho, as informações necessárias para tal atitude, bem como o levantamento de patologias encontradas na edificação e as devidas ações restaurativas pertinentes a cada uma delas. Propõe-se também, um novo uso para a antiga casa e um anexo incluindo uma nova edificação.

Este complexo formado pela antiga casa e a nova edificação abrigará um aparelho de cultura, com um espaço para acontecimento de diversas manifestações culturais denominadas aqui como SteinHaus: Espaço para Vivências Culturais. O objetivo é resgatar e difundir as práticas e atividades que fazem parte da cultura do município e com isso, dar um uso à casa, servindo à comunidade, possibilitando assim, valorizar a edificação histórica e o patrimônio imaterial da região, fomentando a transmissão de conhecimentos tradicionais locais e preservando a memória coletiva, em relação a um marco importante da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul.

2 TEMÁTICA

O tema proposto para este trabalho é, através de um projeto de restauro, qualificar valorizar e transformar a antiga Casa de Pedra, agregando um anexo a fim de reciclar usos, proporcionando vivências e memórias para a cidade de Igrejinha e região.

A 'Casa de Pedra' foi a primeira edificação em alvenaria da região e possui mais de 150 anos. É um importante marco histórico da cidade e região, por isso a ação de preservação e restauro da mesma é totalmente pertinente e, conseqüentemente, o seu novo uso, visto que hoje em dia se encontra desocupada.

O projeto proposto é de um espaço dinâmico, onde acontecerão atividades relacionadas à cultura, preservação e divulgação do patrimônio imaterial do município e interesses da comunidade local. A proposta é manter a antiga casa, restaurá-la e junto a ela, anexar uma nova edificação, que complemente a área edificada necessária para que este uso cultural aconteça. As atividades que acontecerão na Casa hão de proporcionar vivências culturais relacionadas à imigração alemã, legado cultural e social presente ainda hoje na cidade de Igrejinha e cultivado por seu povo. O objetivo é preservar as características peculiares da Casa e dar à comunidade da região, a chance de ver este exemplar, que faz parte da sua história, preservado e servindo à comunidade, como sempre o fez.

2.1 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Durante os séculos XVII e XVIII, desenvolveu-se em toda Europa a atividade dos antiquários, que eram colecionadores, que através de desenhos cronológicos e levantamentos cartográficos, produziam iconografia que serviria de base para estudos e inspiração para novas construções. A partir da Revolução Francesa no final do século XVIII, o patrimônio edificado sofreu grandes perdas, com incêndios, saques e destruição. Foi criada então a Comissão dos Monumentos, que foi responsável pela criação de um inventário e com isso, os bens passaram a ser protegidos pelo estado. Obtiveram-se duas classificações: os bens móveis e os bens imóveis. Os bens móveis foram transferidos para um local protegido, e deveriam ficar expostos ao público, servindo de ensinamento sobre história e artes, dando origem à denominação 'Museu', e os bens imóveis deveriam ser protegidos de possíveis danos e destruições (RHODEN, 2013).

Em relação à nomenclatura, o termo Patrimônio, segundo Choay (2006), é antigo e estava relacionado à estrutura familiar, econômica e jurídica da sociedade. A origem do termo Monumento Histórico é anterior à sua própria criação, e de acordo com Choay, surgiu junto com o projeto de estudar e conservar uma edificação, pelo fato de ser um testemunho histórico. A noção destes termos,

demonstra o modo como a sociedade ocidental assumiu sua relação com a passagem do tempo, e são eles, portanto, que designam os “testemunhos de um passado que se consumou” (CHOAY, 2006, p.28).

Dentre as categorias dos bens de patrimônio, talvez o patrimônio histórico representado pelas edificações, seja o mais importante, pois é notória sua participação na vida de todos. A história da civilização, por exemplo, pode ser estudada e contata através de análises em edificações de várias épocas, e a história da arquitetura, da época romana ao barroco, pode ser legível pelos edifícios religiosos europeus (CHOAY, 2006).

O patrimônio histórico, representado através de edificações ou monumentos, reaviva as lembranças e traz algo à memória, ou seja, a natureza afetiva e a memória viva que carrega este bem, são testemunhos de alguma época, de um tempo passado que não existe mais. O patrimônio edificado carrega com ele a sua própria história e é isso que o faz precioso. O bem histórico não é algo que foi construído para tal finalidade, mas, tornou-se com a passagem do tempo, transformando-se em testemunho histórico, através dos olhos dos estudiosos e do seu reconhecimento pela comunidade à qual ele pertence (CHOAY, 2006).

Remetendo a uma definição bem ampla acerca de patrimônio, Canclini (1994) traz quando afirma que:

O patrimônio não é somente a herança de cada povo, as expressões “mortas” de sua cultura (sítios arqueológicos, arquitetura colonial, antigos objetos em desuso), mas também os bens culturais, visíveis e invisíveis: novos artesanatos, línguas, conhecimentos, documentação e comunicação do que se considera apropriado através das indústrias culturais (CANCLINI, 1994 p.95).

Este tipo de reflexão contribui para concluir que, segundo Cury (2004), seria nossa situação atual, quando o autor afirma que a consciência mundial em relação aos valores humanos vem aumentando, e com o reconhecimento do patrimônio histórico e cultural como sendo um bem comum, a responsabilidade de preservá-lo para as gerações futuras, aumenta a cada dia, e tem por finalidade garantir que esta transmissão de valores aconteça.

2.1.1 O Brasil e as cartas patrimoniais

Os princípios à frente das práticas de conservação e restauro, devem, essencialmente, ser formulados e especificados através de um plano internacional, e cada país deve, por fim, adaptá-lo à sua realidade e cultura. Um exemplo disso são as cartas patrimoniais (IPHAN, 2015). As cartas patrimoniais são resultado de uma discussão de um determinado momento, de uma determinada época e assunto. Por isso, não têm a finalidade de ser um documento desenvolvido de maneira extensa, nem de expor toda a fundamentação teórica do período. As cartas são documentos concisos e sintetizam os

pontos a respeito dos quais foi possível obter consenso, oferecendo indicações de caráter geral, sendo assim, documentos de caráter informativo e prescritivo que funcionam como base teórica e orientação para várias profissões na área da preservação (KÜHL, 2010).

Durante o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, que aconteceu em Veneza, o ano de 1964, foi elaborada uma carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios, que ficou intitulada: Carta de Veneza. Conforme este documento, a conservação e o restauro dos monumentos têm como objetivo preservar a arte e a história. O texto aprovado menciona ainda que, a noção de monumento histórico abrange não só a criação arquitetônica isolada, mas também sítios urbanos ou rurais que deem testemunho sobre alguma civilização. A conservação e salvaguarda dos monumentos têm por objetivo proteger, não só o patrimônio edificado, como também a história da sociedade a qual faz parte. A Carta de Veneza abrange ainda instruções de procedimentos para ações, tais como: escavações, documentações, publicações, restauro e conservação (CARTA DE VENEZA, 1964).

Um pouco mais recente e mais específica, pois se direciona a nível federal, a Carta de Brasília, documento regional do Conesul sobre autenticidade, elaborada no ano de 1995, busca um olhar sobre a nossa realidade local, que é diferente da realidade dos países europeus ou asiáticos. A Carta propõe organizar as imagens relacionadas ao meio ambiente modificado pelo homem, pois este configura a realidade de uma sociedade e é composta de bens tangíveis e intangíveis. Neste documento, o assunto sobre patrimônio faz relação da cultura com a formação da sociedade e define-a como um conjunto de ações criativas exercidas por uma nação. A carta discorre sobre princípios de autenticidade e identidade em relação às heranças culturais e contribuições de outros povos para a formação da sociedade atual. Salienta ainda que, a identificação das tradições culturais, deve ser levada em conta como modelo para uma estratégia acertada de ações de preservação e restauração (CARTA DE BRASÍLIA, 1995).

O equilíbrio entre o edifício e seu entorno, é imprescindível, e não respeitar esta situação seria não respeitar a sua autenticidade. A inserção de novos elementos, que serão usados para adaptar a edificação histórica a um novo uso, deve ser de caráter reversível e estar em harmonia com o conjunto. Estes dois princípios são indicações de ações em bens patrimoniais apontados pela Carta de Brasília e que serão levados em consideração na elaboração deste projeto.

A destinação a uma função útil à sociedade é totalmente favorável à conservação dos bens patrimoniais. E a unidade de estilo não é o objetivo da restauração de um bem, pois as contribuições de todas as épocas devem ser respeitadas, assim como todas as obstruções ou construções que possam alterar a relação de volumetria da edificação, devem ser proibidas. São estas algumas das indicações que fazem parte da Carta de Veneza e que serão respeitadas na elaboração deste projeto.

Com estas definições e conceitos, pode-se perceber que as cartas patrimoniais, muitas firmadas internacionalmente, representam o resultado de reuniões ocorridas em diversas épocas, que representam os principais documentos e recomendações relacionadas ao patrimônio cultural. São tentativas que vão além de normas específicas e procedimentos padronizados, pois registram e documentam os conceitos globais ou locais acerca do assunto de preservação e restauração, e que devem ser respeitadas em todas as ações ligadas ao Patrimônio (CURY, 2004).

2.1.2 Patrimônio Imaterial

Conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2015), o Patrimônio Imaterial Cultural é transmitido através das gerações e cria a identidade e continuidade das culturas locais e saberes, contribuindo para o mantimento do respeito em relação à diversidade cultural. Acerca de Patrimônio Imaterial, o mesmo define:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (IPHAN, 2015).

Segundo a mesma fonte, o intelectual e poeta paulistano, Mário de Andrade, nos anos 20 e 30 já buscava pelo país, manifestações culturais que marcassem a identidade do povo brasileiro, foi ele quem iniciou a reflexão sobre os bens que mais tarde seriam considerados Patrimônio Cultural Imaterial. O poeta foi também um dos mentores da criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN) no ano de 1937.

O reconhecimento legal, da existência de bens de patrimônio cultural de natureza tanto material como imaterial, aconteceu com a constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216. Nela também foram instituídas as formas de preservação, como o Registro e o Inventário, além do Tombamento. As práticas sociais, os saberes locais, as formas de se expressar e tantas outras manifestações e atos culturais e coletivos, são intangíveis, e por isso são considerados Patrimônio Imaterial (IPHAN, 2015).

Para que haja uma real preservação e reconhecimento destes bens imateriais, o IPHAN coordenou estudos que resultaram no Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e também consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR). São estas as ferramentas legais para o início da importante caminhada em direção à valorização destes bens (IDEM, 2015).

Foi criado em 2004, também no IPHAN, um Departamento de Patrimônio Imaterial, desta forma é possível uma política de salvaguarda mais sistemática e concreta. E no ano de 2010, foi instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, através do Decreto nº 7.387 de 9 de dezembro, o

mesmo é utilizado para valorizar e reconhecer as diversas línguas e identidades dos distintos grupos que formam a nossa sociedade (IDEM, 2015).

As ações, princípios e os resultados de salvaguarda dos bens imateriais, realizadas pelo Departamento de Patrimônio Imaterial, podem ser consultadas em uma cartilha intitulada “Os Sambas, as Rodas, os Bumbas, os Meus e os Bois” disponível hoje no site do IPHAN.

De acordo com Canclini (1994), o patrimônio cultural, conjunto de práticas sociais inerentes a cultura local de um povo, que sustenta sua identidade e o diferencia, não engloba apenas os monumentos históricos, mas também as linguagens, as tradições imateriais, os modos de usar os bens e também os espaços físicos.

Através das definições e conceitos anteriores, é possível concluir, de modo resumido, que o Patrimônio Imaterial e Intangível demonstra claramente, um esforço contínuo da sociedade e órgãos governamentais, a fim de manter vivo o passado e as tradições, no presente das pessoas.

2.2 RESTAURAÇÃO ARQUITETÔNICA

A prática restaurativa depende muito do bom embasamento teórico, pois só assim é possível encarar de forma correta, os problemas em relação aos conceitos dados ao que consideramos bem cultural (RHODEN, 2013).

A intenção e o conhecimento em relação ao tombamento são diferentes do saber conservá-lo e restaurá-lo, pois o mesmo requer prática e conhecimento técnico. Com base nisto, foi criado na França no século XIX, o ofício “Arquitetos dos Monumentos Históricos” quando os historiadores e antiquários determinavam que algo deveria ser tombado, porém, deparavam-se com questões práticas e técnicas relacionados à construção e à arquitetura. Neste momento nasce um elo de transmissão de conhecimentos entre historiadores e arquitetos a fim de complementarem seus ofícios (CHOAY, 2006).

De acordo com Choay (2006), no decorrer do século XX, foram necessários estudos para aquisição de conhecimentos científicos, relacionados à restauração dos monumentos históricos. Estes estudos estavam ligados, especificamente, à degradação dos materiais. Portanto, a intervenção de restauradores especializados exigia não somente conhecimento histórico, mas também conhecimento técnico e metodológico, além de uma doutrina, a qual podem articular de forma diferente os modos de fazer e os objetivos propostos através do restauro (CHOAY, 2006).

Durante o século XIX duas doutrinas se confrontaram: a intervencionista e a antintervencionista. Suas maiores diferenças podem ser traduzidas através de seus maiores defensores, Viollet-le-Duc e Ruskin respectivamente. O primeiro, Viollet-le-Duc, age conforme a doutrina de que o ato de restaurar pode significar transportar o edifício a um estado que pode nunca ter

sido o seu. Com isto, fez grandes obras de restauro de caráter, hoje não muito renomado, mas que à sua época, no contexto intelectual ao qual se encontrava, com a França degradada, cumpriu seu papel. Viollet-le-Duc foi também, grande interessado pela história das técnicas construtivas da época. Ruskin, porém, caminha pela linha de que a restauração não deve acrescentar nenhum elemento ao edifício, somente limpar e consolidar, intervindo o mínimo possível (CHOAY, 2006).

Conforme a mesma fonte, ao final do século XIX, surgia um novo nome nesta área, Camilo Boito, com uma postura mais questionadora graças a progressos da arqueologia e história da arte. Sua obra inovadora deve-se à excelente formação na França. Suas competências como engenheiro, arquiteto e historiador de arte lhe permitiam uma maior visão de dois setores diferentes, o da história e o da conservação. Em confronto com duas doutrinas completamente diferentes, a de Viollet-le-Duc e a de Ruskin, Camilo Boito absorve o melhor de cada uma delas e constrói a sua própria doutrina. Onde defende a noção de autenticidade, como por exemplo, não preservar apenas a pátina antiga dos edifícios, mas também os acréscimos adquiridos com do tempo. De Viollet-le-Duc, Boito incorpora a prioridade do presente em relação ao passado e a legitimidade do restauro. Mas afirma que a prática da restauração só deve ser exercida quando os demais meios de salvaguarda, manutenção e consolidação, já tiverem sido tomados, aí então é quando a restauração se revela indispensável para a conservação (CHOAY, 2006).

No século XX, mais precisamente no ano de 1963, Cesare Brandi, publicava na Itália, o livro '*Teoria del Restauro*'. Este livro é resultado de 20 anos de trabalho à frente do *Istituto Centrale del Restauro* em Roma, o qual ajudou a fundar. Cesare Brandi fundamenta sua teoria de restauro, basicamente refletindo sobre o monumento como sendo uma obra de arte, e afirma que o ato do seu reconhecimento tem relação direta com o ato do restauro, como é possível perceber nas palavras do autor quando diz "O restauro consiste no momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com objetivo da sua transmissão ao futuro"¹ (BRANDI, 1977, p.6).

Cesare Brandi conduz toda sua concepção e teoria de restauro, sobre o conceito de obra de arte e afirma que só o que for considerado como tal, pode ser restaurado. E enuncia também um princípio de restauro onde enfatiza que o restauro deve restabelecer uma unidade potencial sem criar um falso artístico, e nunca apagar nenhuma marca que faça parte do monumento, pois a passagem do tempo faz parte da história, como segue a afirmação de mesmo, a este conceito:

¹Tradução da autora: *Il restauro costituisce il momento metodologico del riconoscimento dell'opera d'arte, nella sua consistenza fisica e nella sua duplice polarità estetica e storica, in vista della sua trasmissione al futuro*". (BRANDI, 1977, p.6).

O restauro deve ter por objetivo restabelecer o potencial da obra de arte, e isto deve ser feito sem cometer-se uma falsa reprodução artística ou uma falsa história e sem apagar nenhuma marca da passagem do tempo (BRANDI, 1977 p.8) 2

Um dos mais importantes teóricos no campo da restauração, nas décadas subsequentes ao pós-guerra, Cesare Brandi, teve sua teoria embasada em inovadora reflexão acerca dos fundamentos do restauro, e conforme afirma Guimarães (2012) “Sua teoria apresenta um enraizamento notavelmente fenomenológico, responsável, em parte, pela novidade de sua abordagem”.

Uma abordagem ainda mais moderna em relação ao restauro arquitetônico, é aquela feita por Giovanni Carbonara. Intelectual e teórico Italiano, de grande reconhecimento nesta área, é professor de restauro arquitetônico e diretor da *Scuola di Specializzazione in Restauro dei Monumenti*, junto à *Università de gli Studi di Roma – La Sapienza*. Em seu livro *Avvicinamento al Restauro* (1997), Carbonara aborda a teoria da restauração confrontando aspectos históricos e conceituais, direcionando o pensamento à análise das diversas definições de termos como: monumento, bem cultural, restauro, conservação e recuperação. E é analisado também nesta obra, o desenvolvimento destas definições e o relacionamento com diversos e importantes casos de restauro do século passado (CARBONARA, 1997).

Giovanni Carbonara é seguidor e teórico da linha brandiana de pensamento, que segue a linha do restauro crítico-conservativo. Nesta teoria se defende a prática da máxima conservação, tais como: restaurar somente as patologias consideradas destrutivas, praticar a consolidação estrutural, manter visíveis as marcas da passagem do tempo e a adoção, sempre possível, da prática do novo uso para todas as edificações históricas e monumentos. Carbonara defende e afirma que, o uso é o meio conservativo mais eficaz, mesmo que, na maioria das vezes, o uso dado pode ser diferente do original (CARBONARA, 1997).

A partir das teorias e estudos sobre a restauração arquitetônica ao longo da história e visto que são, hoje em dia, ainda difundidos e utilizados, trago o embasamento para o ato do restauro da ‘Casa de Pedra’, evidenciando seu valor histórico e trazendo para o tempo presente, o legado cultural que ela representa.

2.3 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

A abordagem deste assunto na presente pesquisa pretende situar cronologicamente a importância da edificação em estudo, mostrando sua história e seu papel na sociedade local, desde o

²Tradução da autora: *Il restauro deve mirare al ristabilimento della unità potenziale dell’opera d’arte, purchè ciò sai possibile senza commettere um falso artistico o um falso storico, e senza cancellare ogni tracia del passagio del’opera d’arte nel tempo* (BRANDI, 1977 p.8).

início da colonização da região com a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul.

De acordo com Schauen (2015) a denominação “imigração alemã” não se restringe somente ao território, mas também intitula os indivíduos que têm a fala alemã como língua-mãe, e estes podem ser advindos de diversos territórios que formavam a Alemanha antes de sua unificação.

Segundo Schauen (2015), em 1822, D. Pedro I mandou ir a Europa, seu colaborador alemão Georg Anton von Schaeffer, com a tarefa de angariar soldados e colonos alemães, pois o Brasil precisava organizar um exército urgentemente, e para isso, se propuseram a criar um corpo de estrangeiros, para, além de se prepararem para o combate com Portugal, povoar o sul do Brasil, que estava em risco de perda para os colonizadores espanhóis.

No início do Império, os escravos constituíam dois terços da população do Brasil, e o país sofria sanções da Inglaterra e de outros países para por fim à escravidão. A ideia era então ir aos poucos substituindo a mão de obra escrava por imigrantes. Como não podia buscar imigrantes na Inglaterra, França e Espanha, optou-se por buscar imigrantes na Alemanha. Foi então que o Brasil, mandou representantes à Europa prometer, aos colonos alemães, muitas vantagens para que viessem ao Brasil, como terras, cidadania, manutenção de dinheiro mensal no primeiro ano, material de construção, animais, sementes, dentre outras (SCHAUREN, 2015).

A Confederação Alemã naquela época era composta de 42 pequenos Estados autônomos. Os milhares de imigrantes alemães chegados ao Brasil vinham destes diversos estados e regiões. Os Estados autônomos que estavam situados ao Norte da Alemanha, tinham uma posição mais liberal quanto à emigração, por isso foi a região de onde saíram a maioria dos imigrantes que vieram para o Sul do Brasil, muitos originários do território que fica ao lado esquerdo do Rio Reno, da região de Hünsruck (SCHAUREN, 2015).

Segundo a mesma fonte, naquela época Schaeffer foi considerado um dos melhores funcionários brasileiros, seu trabalho foi fundamental para atrair alemães para o Brasil. Schaeffer recrutava e assistia os emigrantes, contratava os navios e mandava-os para o Brasil. A maioria do povo alemão que decidia partir para o Brasil eram pobres, encontravam-se vivendo num cenário de muita dificuldade e forte insegurança quanto ao futuro. Exemplificando bem a situação em que se encontrava esta gente que, tomava a decisão de sair do seu país de origem e tentar a vida em terras longínquas, segue o fato registrado, de um padeiro de Hornan depois de haver perdido o resto dos seus bens e ter ficado sem emprego, quando solicitou sua permissão para sair da Alemanha e vir para o Brasil, com as seguintes palavras:

Completamente empobrecido e sem expectativa de obter trabalho e progresso, sem o pão de cada dia e quase sem roupa para cobrir o corpo, estou aqui, tendo lágrimas nos olhos, com mulher e dois filhos, e percebo que, para nós, não existe mais salvação na Europa. (HUNSCHE apud SCHAUREN, 1977, p. 67).

Assim, os colonos alemães apostaram que o Brasil os daria a vida que tanto sonhavam, e vieram viver e povoar nossas terras, cheios de esperança e força de vontade, enfrentando o desconhecido, com fé no futuro e gratidão por esta pátria que os acolheu. E é desta história que faz parte, a 'Casa de Pedra', edificação que é objeto de estudo desta pesquisa. Esta casa acolheu os imigrantes quando aqui chegaram até estarem instalados em suas próprias terras, foi pano de fundo da saga destes alemães, e fez parte da trajetória de luta, trabalho e esperança, de uma gente que veio para viver na colônia então chamada "Mundo Novo", com o nome, talvez, já trazendo um pouco do conforto de que precisavam.

2.3.1 A história e a cultura na cidade de Igrejinha

De acordo com a história contada no livro intitulado 'Igrejinha, História que o tempo registra' organizado pela prefeitura do município (BRUSSIUS E FLECK, 1991), foi no ano de 1824 que desembarcaram, às margens do Rio dos Sinos, os primeiros imigrantes alemães, fixando-se em São Leopoldo. A maioria dos imigrantes vinha da região europeia de Hunsrück, localizada ao sul da Alemanha. Em 1847, o colonizador e político Tristão José Monteiro chegou a esta região para fundar uma colônia, que foi denominada Santa Maria do Mundo Novo, e proceder com a demarcação dos lotes de terra que venderia aos colonos imigrantes.

Todo o vale fazia parte de uma fazenda de propriedade de Tristão José Monteiro, que nutria grandes planos de colonização. As terras da região eram excelentes para cultivo, embora bastante montanhosas, e eram também ricas em madeira de lei e fauna. Logo após o ano de 1847, os primeiros colonos alemães instalaram-se na região da Colônia de Santa Maria do Mundo Novo, espalhando-se aos poucos, pelas margens do rio, rumo ao norte (BRUSSIUS E FLECK, 1991).

Com a abertura de novos caminhos e estradas, facilitou-se a chegada de mais colonizadores e também dos tropeiros que vinham de Santa Catarina, que acabaram por se instalar no Rio Grande do Sul, atraídos pela grande quantidade de gado que era criado solto nos campos. Mais tarde os tropeiros começaram a abrir novos caminhos e ao longo desses caminhos foram surgindo vários povoados. Os tropeiros, que vinham da serra, tinham como referência uma pequena igreja evangélica que fora construída em 1863, para atender os colonos protestantes da região. A pequena igreja de madeira foi a primeira da região a ter uma torre, e o nome da cidade de Igrejinha deriva justamente desta

circunstância histórica, e foi se consagrando como indicação exata daquele núcleo urbano, denominado anteriormente como Santa Maria do Mundo Novo (IDEM, 1991).

Durante os primeiros decênios da colônia, Igrejinha pertenceu ao primeiro Distrito, a sede de Taquara do Mundo Novo. Com o início da Revolução Federalista (1893-1895), a agitação foi grande e o povo local se viu envolvido nos acontecimentos. O vale de Santa Maria foi a área mais atingida em toda região taquarense. Passava por este vale a única estrada que descia de Canela, lugar onde os irmãos Leão e Antônio Corrêa, chefes federalistas, tinham seu acampamento de tropas (IDEM, 1991).

Segundo a mesma fonte, muitos foram os prejuízos causados pela revolução, e estes acontecimentos favoreceram a formação de um sentimento cívico e de uma tomada de posição política. Nos anos que se seguiram, houve constante progresso, tanto econômico como social e político. Na chegada do ano de 1935, foi levantada a viabilidade e necessidade de criação do distrito de Igrejinha. A ideia teve apoio geral da população e assim, o prefeito de Taquara, senhor Coronel Theobaldo Fleck, em janeiro de 1935, pelo ato municipal número 01, criou o distrito de Igrejinha, o oitavo de Taquara. A partir desta data começam a surgir cada vez mais indústrias em Igrejinha, as quais elevaram muito a arrecadação da localidade, o que fez com que surgissem, entre o povo, ideias de emancipação. Graças ao esforço de muitos industriais e comerciais Igrejinhenses, em 1º de Junho de 1964, o então governador do Estado, senhor Ildo Meneguetti, assinou a Lei nº 4.733, transformando Igrejinha em município.

Igrejinha tem hoje, pouco mais de trinta mil habitantes e é localizada na encosta da serra, onde a natureza privilegia a cidade que é cercada de verde. Conservam-se ainda ambientes intactos, com núcleos de mata atlântica com seu vale banhado pelas águas do rio Paranhana. A principal economia do município é a coureiro calçadista, contando com diversas empresas deste ramo com suas filiais instaladas no município. A cidade tem também, a cultura alemã como uma das características mais marcantes, e é desta cultura que surgiu a tradição de realizar, anualmente, a festa típica do povo alemão, a Oktoberfest. Há 28 anos que a festa acontece anualmente, atraindo muitas pessoas de diferentes regiões do estado para o município no mês de outubro.

2.3.2 História da edificação – A “Casa de Pedra”

A antiga Casa de Pedra foi construída a pedido do colonizador e político Tristão José Monteiro no ano de 1862, na região denominada Santa Maria do Mundo Novo, que hoje engloba os municípios de Gramado, Canela, Três Coroas, Igrejinha, Taquara e Parobé (INVENTÁRIO, 2009).

A casa está localizada hoje no Bairro de mesmo nome, na cidade de Igrejinha, às margens do Rio Paranhana. Atualmente a "Casa de Pedra" é sede do Centro de Tradições Gaúchas (CTG)

Sentinela da Tradição (ENGELMANN, 2012). Nas Figuras 1 e 2 é possível observar a fachada principal, Leste e Norte, respectivamente, e o estado de conservação em que se encontra a edificação.

Figura 1 - A Casa de Pedra



Fonte: Autora, 2015

Figura 2 - A Casa de



Pedra

Fonte: Autora, 2015

De acordo com o Inventário do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico de Igrejinha (2009) a edificação foi construída com a pedra grês e tem estilo colonial português. Foi a primeira edificação feita em alvenaria da região, por isso tornou-se conhecida como a ‘Casa de pedra’ e posteriormente, com a chegada dos imigrantes alemães, foi chamada *Steinhaus*³. Os imigrantes alemães que chegavam de São Leopoldo ou diretamente da Europa, tiveram como primeiro ponto de referência a “Casa de Pedra”. E era comum que ficassem ali instalados até terem seus lotes regularizados e suas casas prontas.

A antiga casa serviu como armazém e também foi o mais forte ponto comercial da região e funcionou como abrigo aos profissionais que demarcavam os lotes. Neste ponto os imigrantes adquiriam suas terras para, em seguida, começarem a nova vida no Brasil (INVENTÁRIO, 2009).

Ao longo da história a casa serviu também como uma espécie de atacado, onde Tristão José Monteiro armazenava os excedentes, adquiridos da produção dos agricultores. Em meio à Revolução Federalista (1893-1895) a casa foi vendida ao imigrante Jacob Kichler, comerciante que estabeleceu ali um armazém geral. Seu estabelecimento foi saqueado e Jacob Kichler assassinado dentro da “Casa de Pedra”, em 04 de novembro de 1894. A suspeita é de que o episódio esteja ligado às discórdias da Revolução e a acusação da autoria do crime recaiu sobre três Maragatos. E ao longo do ano de 1895 a casa serviu como quartel general para os Maragatos da região. Posteriormente passou por diversos proprietários, e chegou a funcionar como uma fábrica de salames, cervejaria, maçonaria e por muito tempo, como salão de baile (INVENTÁRIO, 2009).

Segundo mesma fonte, no ano de 1968 a Sociedade de Canto 13 de Janeiro comprou a casa e em uma assembléia no ano de 1969, decidiram demolir a edificação e construir uma sede nova no local. Foi organizado um baile para arrecadação de fundos para realização da obra, e ao mesmo

³*Steinhaus*: Casa de Pedra (tradução da autora)

tempo, seria uma cerimônia de despedida da antiga casa. Entretanto, houve uma manifestação da sociedade contra este ato. Participaram do manifesto contra a demolição da casa, a Maçonaria da região, o Lions Clube, Rotary Club e o CTG Fogão Gaúcho de Taquara. E graças a esta interferência da comunidade, a demolição do casarão foi cancelada após ser constatada a irrecuperável perda histórica que ocorreria.

Conforme o Inventário do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico de Igrejinha (2009), logo após o ocorrido, a loja maçônica, através de contatos com o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, conseguiu autorização para instalar um museu no local, que serviria de guarda e exposição de objetos ligados ao grupo Maçom da região. O prefeito na época, Sr. Selson Flesch, concordou com a finalidade do manifesto para preservação da casa, e com este interesse, criou o decreto Municipal número 266, de 12 de Junho de 1974, destinando o imóvel à preservação e conservação, considerando o prédio Patrimônio Histórico do Município de Igrejinha (IDEM, 2009).

A casa hoje se encontra vazia e sem abrigar nenhum tipo de atividade. O prédio tem como anexo, a sede do CTG Sentinela da Tradição. Por muito tempo o CTG usou o espaço da casa como salão de baile. Conforme informações obtidas na Prefeitura Municipal de Igrejinha, um terreno foi doado ao CTG onde este deve construir sua nova sede, a fim de liberar a edificação histórica para a restauração e instalação de uma atividade cultural para uso da comunidade.

2.3.3 Preservação do Patrimônio cultural na cidade de Igrejinha

A região do Vale do Paranhana, onde a cidade de Igrejinha está inserida, possui uma rica história cultural, e abriga inúmeros bens patrimoniais de valor histórico que devem ser preservados.

No município existem algumas ações de salvaguarda destes patrimônios. Exemplificando isto, a Lei Municipal nº 3.934 de 14 de fevereiro de 2008, institui as normas de proteção ao patrimônio histórico, arquitetônico, artístico, paisagístico, natural e cultural do Município de Igrejinha. Esta lei tem no seu artigo 68, reconhecido e descrito como patrimônio, o conjunto de práticas e edificações históricas da cidade, conforme segue:

Art. 68 São considerados como de valor histórico, arquitetônico, artístico, natural, paisagístico e cultural de Igrejinha, a Oktoberfest, o acervo da Fundação Cultural, as obras literárias, ligadas à história, imigração, arquitetura e a cultura germânica do Município de Igrejinha/RS, a Sociedade União de Cantores de Igrejinha – SUCI, fundada em 1887, a Igreja Evangélica Gabriel, os grupos de danças folclóricas Alemãs Kirchleinburg e Wiegergeburt, os grupos de artesanato, canto e coral, danças típicas, Kerb e de terno de atiradores já instalados, bem como o Parque de Eventos Almiro Grings, a Vila Germânica e suas casas temáticas, a Praça Dona Luiza, os antigos cemitérios do interior, o Rio Paranhana, o Arroio e a Cascata de Solitária, o Morro Alto da Pedra, o Monte da Fé, os morros Lajeadoinho, Fortaleza e Mico, além dos roteiros, produtos e caminhos turísticos locais (Encantos do

Mundo Novo, Vale do imigrante, V Sentidos), e outros que vierem a ser reconhecidos pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico, Paisagístico, Natural e Cultural de Igrejinha (IGREJINHA, 2008).

No artigo 27 desta mesma lei, são citadas as Áreas de Interesse Cultural, com isto se identifica a inserção da região em que está situada a edificação “Casa de Pedra”, através da citação do bairro homônimo. Ainda na mesma Lei, a “Casa de Pedra” é reconhecida como marco da colonização alemã e é considerada tombada:

Art. 67 Neste ato considera-se como tombada a edificação histórica de Igrejinha, conhecida como Casa de Pedra (Steinhaus), marco da colonização local e primeiro prédio de alvenaria da região, construído no século XIX por Tristão José Monteiro, devendo o Município proceder ao seu devido registro e identificação de tombamento no prazo de até 90 (noventa) dias (IGREJINHA, 2008).

Direcionando o olhar da preservação para o bem estudado nesta pesquisa, a ‘Casa de Pedra’, podemos citar algumas ações de reconhecimento e intenções de preservação. Dentre estas ações está um acontecimento importante de manifesto popular, que deu origem à ação para criação do Decreto Municipal nº 266, de 12 de Junho de 1974, nele é declarado no artigo 1º, a desapropriação do imóvel rural de Propriedade da Sociedade de Canto 13 de Janeiro, situado na localidade de Casa de Pedra, constituído de uma casa de alvenaria. No artigo 2º o decreto destina o imóvel à preservação e conservação do histórico prédio “Casa de Pedra”, por ser um marco inicial da colonização dos municípios de Igrejinha e Três Coroas (IGREJINHA, 1974).

A fim de cumprir a Lei Municipal nº 3.934 de 14 de fevereiro de 2008 na Seção II, artigos 18 e 19, que cita o dever do município na elaboração do Inventário dos bens de valor histórico, hoje o município de Igrejinha conta com este documento importante. Com intuito de apontar os bens históricos de interesse de preservação, o “Inventário do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico de Igrejinha” foi realizado no ano de 2009 pelas pesquisadoras Dalva Reinheimer e Elaine Smaniotto e significa um avanço da sociedade igrejinense, em direção ao reconhecimento dos bens históricos presentes no município. Passando assim, os bens inventariados, a gozar de proteção, incentivos fiscais e restrições impostas pela tutela (IGREJINHA, 2008).

Ainda dentro do contexto legal de preservação em relação à “Casa de Pedra”, existe a Lei Estadual número 13.588, de 23 de dezembro de 2010, que a declara como Patrimônio Cultural do Estado. E no Art.2º da presente lei é descrito o seguinte:

O imóvel, que já é público, destinar-se-à à instalação efetiva de aparelho cultural do tipo Museu, nos termos do Decreto nº 23.435, de 31 de outubro de 1974, que declara de utilidade pública, para fins de desapropriação de domínio pleno, um terreno situado no Município de Igrejinha (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Neste contexto, é possível perceber a importância que é dada, à nível municipal, ao patrimônio cultural existente. O apontamento dos bens, e sua inclusão na legislação, comprova que a cidade de

Igrejinha reconhece o valor da sua história, das edificações e dos costumes que dela fazem parte, como patrimônio pertencente ao seu povo.

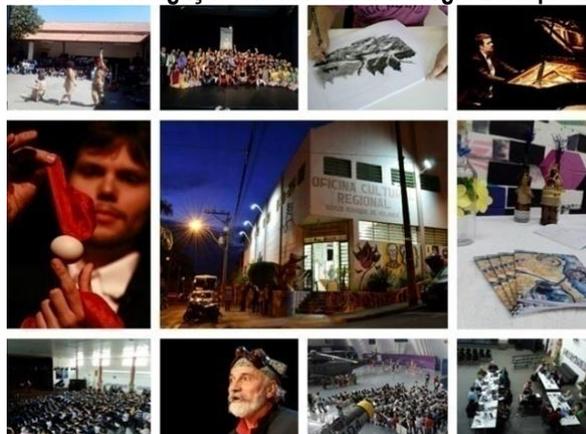
2.4 OFICINAS CULTURAIS, CENTRO CULTURAL E MEMORIAL

De acordo com Ramos (2007), o setor artístico-cultural vive um momento de crescimento, profissionalização e valorização. Nos últimos tempos as leis de incentivo se disseminaram, e são hoje um importante instrumento de viabilização de projetos culturais proporcionando a profusão de espaços culturais no Brasil. Temos hoje, diferentes denominações de espaços que abrigam atividades de cunho cultural com o objetivo de proporcionar vivências, sejam elas históricas ou artísticas. E algumas destas denominações serão descritas aqui, afim de esclarecimento e justificativa para o uso que será dado no projeto proposto.

2.4.1 Oficinas Culturais

As oficinas culturais são projetos destinados à difusão cultural e inclusão da população neste universo, através de vivências relacionadas a este tema. Os formatos destas atividades podem ser através de palestras, audiovisual, literatura, sarau, cursos, debates e *workshop*. Um exemplo destes espaços é a Instituição chamada Oficinas Culturais de São Paulo, com quinze unidades no estado de São Paulo que atendem cerca de quatrocentos municípios, com atividades desde 1986, servindo como formação e disseminação da cultura no campo das artes, teatro e dança. As diversas atividades oferecidas pelas oficinas podem ser exemplificadas através da Figura 3 com o Cartaz da Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda, que está situada na cidade de São Carlos, estado de São Paulo, onde mostra a divulgação da programação das oficinas para o ano de 2015 (OFICINAS, 2015).

Figura 3 - Cartaz de divulgação Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda



Fonte: Oficinas, 2015

2.4.2 Centro cultural

O centro cultural, como instituição representativa do setor cultural, é um local privilegiado das práticas culturais e disseminação da história local. Por conta disto decorre o interesse por estes espaços que, para fazer cultura, transformaram-se em equipamentos disseminadores de informação, saberes e culturas locais.

Ao ocorrer a questão de onde teriam surgido estes centros e os motivos que favoreceram isto, é inevitável nos remetermos à origem mais remota dos centros culturais. Diversos estudos apontam para um modelo de complexo cultural existente na Antiguidade Clássica, em que a Biblioteca de Alexandria seria o mais conhecido. A retomada de antigos modelos seria assim denominados, os nossos centros culturais (RAMOS, 2007 apud MILANESI 1977).

Conforme apontado por Ramos (2007) os centros culturais ganharam terreno a partir da segunda metade do século XX quando a França e Inglaterra passaram a incentivar a implantação destes espaços, com a finalidade de democratizar o acesso à cultura para além das tendências da cultura de massa. Logo após, tiveram seus exemplos copiados por outros países, tanto que no Brasil, a história dos centros culturais é recente. A iniciativa pioneira aconteceu na França, através da construção do *Centre National d'Art et Culture Georges Pompidou*, que foi inaugurado em 1975, e que a partir daí serviu de modelo para os demais países.

Sobre um conceito de centro cultural e o objetivo destes espaços, temos:

Estabelecimento público (que) favorece a criação de obras de arte e do espírito, contribui para o enriquecimento do patrimônio cultural da nação, da informação e da formação do público, da difusão da informação artística e da comunicação social. (RAMOS 2007 apud MILANESI, 1977, p. 53)

A fim de exemplificar os espaços denominados Centros Culturais, busca-se o exemplo do Centro Cultural São Paulo, que na Figura 4 mostra um espaço aberto com uso dinâmico, sendo usado por algumas pessoas para a prática e troca de experiências musicais.

Figura 4 - Centro Cultural São Paulo, espaço interno



Fonte : Espaço Cultural São Paulo, 2015

2.4.3 Memorial

Um Memorial tem como principal função, a de prestar uma homenagem, mas também podem funcionar como Centro Cultural. Muitos destes espaços levam o nome de Memorial, mas são lugares destinados às mais diferentes atividades culturais, da música, das artes plásticas, lembrando o funcionamento das Secretarias de Cultura, com o objetivo geral de promoção da cultura. Um exemplo clássico é o Memorial da América Latina, inaugurado em 1989 (projeto de Oscar Niemayer) e, considerado uma referência em termos de memoriais no Brasil. Sua característica de funcionamento é agregativa, funcionando como memorial e englobando várias funções: museu, centro cultural, centro de convenções e exposições. Memoriais com este conceito existem muitos pelo país, e o que podemos concluir através da verificação dos seus usos é de que o significado transita entre Museu e Centro Cultural de forma harmônica (BARCELLOS, 1999)

Buscando ainda uma definição para este uso, a resposta na origem da palavra, *memorialis* é a raiz de memorial, ou seja, um registro que auxilia a memória. Memorial não é museu, pois atende aos interesses específicos de divulgação, conservação e valorização de uma memória e identidade coletiva, específica de uma determinada instituição ou população (BARCELLOS, 1999).

Identidades e memórias coletivas podem se configurar como uma forma de comunidade. No caso das comunidades de imigrantes, os membros estão ligados por fatos vividos e compartilhados na história. O memorial é um espaço privilegiado para a compreensão e difusão destas memórias culturais que envolvem o reconhecimento desta sociedade. É dentro da comunidade que nos identificamos, pelo simples fato de compartilharmos de uma mesma memória (VIEIRA, 2013).

É dentro desta ampla definição de memorial que pretendemos, no projeto em estudo, especificar um tipo de Memorial, que faz uso da tecnologia e artes visuais como ferramenta de memória e lembrança. O objetivo é, através de uma concepção de memorial moderno, trazer a tecnologia para fazer a integração entre o povo e a memória, abordando os sentidos da visão e audição através de painéis, estruturas interativas e outros recursos visuais, sonoros e táteis, de forma que aconteça o fácil entendimento dos conteúdos.

A fim de exemplificar estes espaços, a Figura 5 mostra uma imagem interna do Memorial Érico Veríssimo, que se encontra junto ao Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo em Porto Alegre. É possível notar o uso de tecnologia e recursos visuais para contar a história do autor, bem como sua trajetória literária e principais obras.

Figura 5 - Memorial Érico Veríssimo



Fonte: Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, 2015

Outro exemplo de espaço que aplica tecnologia ao espaço expositivo é o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo (Figura 6). O objetivo de expor algo imaterial como é o patrimônio da nossa língua, induz ao uso deste tipo de museografia.

Figura 6 - Memorial Érico Veríssimo



Fonte: Museu da língua Portuguesa, 2015

Através da definição e caráter destes espaços é possível justificar este uso no presente estudo. A proposta é que aconteça na “Casa de Pedra” um memorial para divulgar sua própria história. E a proposta para a nova edificação é de que aconteçam oficinas relacionadas aos saberes locais, definidos como Patrimônio Imaterial. O espaço disponível para implantação deste programa é reduzido, por isso a escolha pela atividade de oficinas e memorial, que demandam um programa mais enxuto e compatível com a escala do lote e da pré-existência, que deve ser respeitada.

2.5 OS “SABERES” E O PATRIMÔNIO IMATERIAL LOCAL

Os valores culturais e as práticas e atividades tradicionais são muito bem percebidos na cidade de Igrejinha, a maioria delas, oriunda da cultura alemã, são mantidas e cultivadas até os dias atuais, graças à passagem desses costumes através das gerações. Muitos destes hábitos são notados no dia-a-dia da comunidade, fazendo parte da vida da maioria dos habitantes da região. Estas práticas culturais, se não forem preservadas e ensinadas aos jovens, serão extintas e esquecidas. Pois, são

tradições do passado que devem ser vividas e ensinadas no presente, para não serem esquecidas no futuro.

Ficam evidentes algumas tradições e valores culturais locais, cultivados ao longo do tempo, e analisando a história da cidade de Igrejinha e também a sua situação, identificamos: as Sociedades de Canto, as Bandas de músicas típicas alemãs e o idioma alemão, como práticas que ainda se mantêm presentes no cotidiano de muitas famílias. Estes costumes são muito fortes ainda hoje, na cultura local de Igrejinha, e foram escolhidos para serem trabalhados nas oficinas, sendo abordados como vivências do patrimônio imaterial, em forma de ensinamentos à comunidade local, sobre os hábitos dos nossos antepassados.

Nos capítulos seguintes serão ampliados estes conceitos de patrimônio imaterial e suas histórias, a relevância na vida e no cotidiano do povo de Igrejinha, bem como a justificativa para a proposta de serem aqui trabalhados como vivências culturais.

2.5.1 As sociedades de canto na cidade de Igrejinha

No início da colonização alemã na região de Santa Maria do Mundo Novo, que hoje são os municípios de Igrejinha, Taquara, Três Coroas, Gramado e Canela, a cada três ou quatro meses o pastor, de origem alemã, Haesbert que morava em Hamburgo Velho ou o pastor Recke de Campo Bom, vinham até a região para realizar cultos que aconteciam nas casas das famílias dos colonos alemães que ali habitavam. Desta forma teve início a organização da comunidade, pois com o culto veio também a escola e o canto coral, que tinham função de manter acesa a chama da tradição dos alemães que aqui viviam. “Nunca se teve notícia de um povo que gostasse tanto de cantar quanto o povo alemão” (ENGELMANN, 2012)⁴.

Conforme Engelman (2012), no ano de 1862 foi inaugurado o primeiro templo da igreja que deu o nome ao município de Igrejinha. Até 1874 foi a única igreja da região e servia também como escola. Mas, os cultos e a escola não bastavam, e os imigrantes sentiam saudade das belas canções alemãs. Em 1886 surgiu o primeiro coral misto da igreja, que cooperavam nos cultos e tinham objetivo de preservar o canto alemão. Este grupo de pessoas que formavam o coral, tiveram o desejo comum de fundar uma Sociedade de Canto. Foi então que do Coral Misto fundou-se uma sociedade masculina e em janeiro de 1887 aconteceu a primeira reunião, com trinta membros ativos e ganhou o nome “*Gesangverein Sängerbund*”. Esta sociedade foi fundada a partir do desejo dos imigrantes, de levar adiante a tradição das canções herdadas dos pais. Aconteciam reuniões mensais e muita falta nos

⁴ Somente este autor foi usado para este assunto, pois não foram encontradas outras fontes sobre a história das Sociedades de Canto em Igrejinha.

ensaios. O primeiro líder desta sociedade foi o pastor Dietschi, que sempre trabalhou para promover o canto na região, e o primeiro presidente da sociedade foi Peter Jung. Naquele tempo os cantos alemães traziam grande alegria ao povo e as canções com frequência, dominavam o ambiente.

Quando a sociedade “*Gesangverein*” completou 50 anos, em 1937 o pastor Rudolf Irmiler escreveu um texto para o livro do cinquentenário. E, com suas palavras, homenageou a sociedade e os cantores. O pastor, em seu texto, salientou a participação dos coros em muitas comemorações, cultos e sepultamentos, sempre trazendo alegria através das canções alemãs, e frisou que sempre, o objetivo principal dos cantores, era fazer com que as canções alemãs não desaparecessem, pois tinham esta prática como a característica mais forte herdada dos antepassados. Pois, quando os primeiros imigrantes colonizaram nossa região, e enquanto executavam o trabalho pesado de desbravar os primeiros caminhos, eles lembravam e entoavam suas canções. E, foi por isso, que fundaram as sociedades de canto, para que esta tradição não se perdesse. A união e estreitamento dos laços eram fortalecidos através do canto, por isso a primeira sociedade ficou nomeada e conhecida, em português por ‘Sociedade União de Cantores’ (SUCI), até hoje existente e a mais tradicional na cidade de Igrejinha (ENGELMANN, 2012).

Registro da primeira fotografia (Figura 77) em que estão os membros fundadores da sociedade ‘*Gesangverein*’, a então ‘União de cantores’, no ano de 1889, juntamente com a bandeira, mandada vir da Alemanha pelo pastor Dietschi (ENGELMANN, 2012).

Figura 7 - Primeiros membros da Sociedade União de Cantores de Igrejinha em 1889



Fonte: Engelmann, 2012

A entrevista, realizada com o senhor Ernani Peters (Apêndice) confirma a história desta tradição, quando o mesmo lembra que é membro do coral da OASE há 50 anos e foi o primeiro líder da Liga das Sociedades de Canto em 1970. O senhor Ernani confirmou também, que a prática do canto oficial nos corais, era primeiramente somente realizada por homens e que “hoje temos 6 corais em atividade, na cidade de Igrejinha, e 5 sociedades de canto” (PETERS, 2015).

2.5.2 A cultura da Música e das orquestras na cidade de Igrejinha

Assim como as sociedades de canto, também a música das orquestras e bandas foi importante para a história da cidade. E contar a história da cultura musical de Igrejinha e região, sem mencionar o nome do músico e professor Gustavo Adolfo Kötz, seria um grave erro. Gustavo foi o maior ícone musical da região de Santa Maria do Mundo Novo. Entre as suas obras estão as músicas dos hinos de Taquara, Igrejinha, Três Coroas e Rolante (ENGELMANN, 2012).

O menino que nasceu em 1889 e era esperado para ajudar o pai na lavoura, nasceu com os pés aleijados. Preso em uma cadeira, não podia acompanhar as outras crianças, foi então que pediu ao pai que amarrasse latas aos seus pés, e assim, assobiando, batendo com as latas no chão e as mãos nas cadeiras, o menino executou um som, que seria sua primeira música. Na escola, o professor Germano Volkart, que também era músico, percebeu a vocação do menino e ia buscá-lo em casa todos os dias para levá-lo à escola. Germano então começou a ministrar aulas de violino ao menino Gustavo. Mais tarde, Gustavo continuou os estudos da música com o professor Johan Rudolf Dietschi, que era também pastor da paróquia e fundador do coral da sociedade. Gustavo se dedicou tanto aos estudos da música que aos 14 anos já se iniciava como compositor (ENGELMANN, 2012).

E, desta época em diante, cresceu muito a carreira de Gustavo Kötz na arte da música. Em 1910, com 21 anos de idade começou a lecionar música (Figura 8Figura 8), as aulas eram ministradas em sua própria casa e cada vez mais jovens vinham estudar música com o mestre Kötz. O jovem talento tinha um cérebro privilegiado, e à noite se dedicava à aprendizagem de instrumentos musicais e dominava-os com maestria (IDEM, 2012).

Figura 8 - O professor Gustavo Kötz ao centro, entre seus alunos

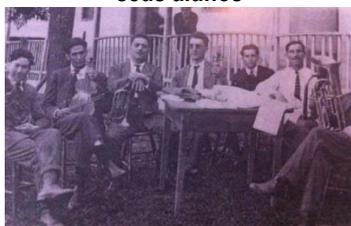


Figura 9 – Orquestra em Concerto de alunos de Gustavo Kötz



Fonte: Engelmann, 2012

Gustavo, além de ministrar aulas de música, dirigiu vários corais e uma orquestra sinfônica (Figuras 9, 10 e 11). Gustavo deixou a música de lado durante um período, para assumir o cargo de subprefeito do distrito de Igrejinha. Logo após deixar o cargo, retornou, sempre incansável, à sua idolatrada atividade junto à música. O músico exerceu seu amado ofício até o fim da vida e compôs mais de quinhentas peças, entre partituras, composições e arranjos. Várias de suas marchas foram

executadas pelas inúmeras bandas do exército em todo país. Pode-se afirmar que o vale de Santa Maria do Mundo Novo viu nascer e crescer um dos maiores compositores nacionais dos últimos tempos. Com certeza a sua obra viverá na memória do povo desta cidade e sem dúvida, seus ensinamentos e legados, inspiraram vários músicos da região sendo justo afirmar que os inúmeros jovens que ensinou, foram vozes e artistas admirados por todo estado e país (ENGELMANN, 2012).

Figura 10 - Orquestra de sopro

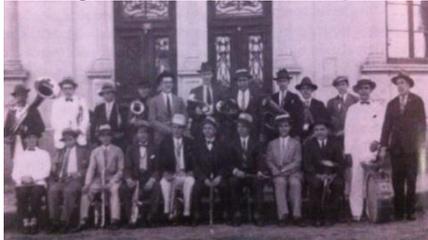


Figura 11 - Orquestra Kötz em Tramandaí



Fonte: Engelmann, 2012

2.5.3 O idioma e o dialeto alemão na cidade de Igrejinha

Os imigrantes alemães quando aqui chegaram, no início do século XIX, se depararam com uma sociedade muito diversa da qual eram provenientes e que possuía uma língua desconhecida para a maioria deles. Mas, pelo fato de se obrigarem a desbravar matas virgens, muitos destes imigrantes se uniram e permaneceram juntos, e conseqüentemente, não tinham contato com os nativos, por isso, mantiveram o alemão como a língua falada entre eles, sem a necessidade de aprender ou precisar falar a língua portuguesa. Desta forma é que a língua mãe, o alemão, foi mantida nas famílias e passada para as futuras gerações (PUPP SPINASSÉ, 2008).

Como a Alemanha ainda não era unificada politicamente e vieram imigrantes de diversas partes do território alemão, estes trouxeram consigo seus respectivos dialetos. A maior parte vinha da região de Hunsrück, por isso, este foi o dialeto que prevaleceu. Sem o suporte necessário, os imigrantes foram obrigados a organizarem suas próprias escolas, igrejas e construir sua estrutura social. Por conseqüência, não se ensinava o português nas colônias, as aulas eram todas ministradas no dialeto alemão, assim como também os cultos religiosos. Naquele tempo também os imigrantes não tinham a necessidade de sair de suas colônias, pois possuíam nelas tudo de que precisavam, por isso acabavam comunicando-se somente através do dialeto. E esta homogeneidade lingüística dentro das colônias, serviu também para uni-los e garantiu a sobrevivência deles na dura fase inicial da nova vida num país desconhecido, transformando-se assim no elo de integração, e contribuindo para manter viva a língua-mãe trazida por eles da Europa (PUPP SPINASSÉ, 2008).

Segundo a mesma fonte, quando os imigrantes alemães tiveram que começar a lidar com outros povos, o entendimento era difícil, o português era uma língua muito difícil para os alemães, e aquele que aprendia o português, tinha prestígio maior e era incumbido de representar a colônia nos assuntos com os brasileiros. Com o passar do tempo o português começou a se tornar indispensável para fins de comércio e negócios entre colonos e brasileiros. Depois de passarem tanto tempo vivendo em uma espécie de ilha linguística, os imigrantes tentavam manter um contato com os vizinhos brasileiros, mas o português que conseguiam falar nem sempre era entendível. E surgiu então um contraponto, pois os imigrantes não queriam mais ser vistos como estrangeiros e estranhos, mas não conseguiam se distanciar do seu idioma tradicional.

O presidente Getúlio Vargas em 1937 outorgou a nacionalização no Brasil, foi então que as aulas nas colônias, que eram até então ministradas em alemão, foram proibidas e tiveram que ser dadas somente em português. Em seguida, com a segunda guerra Mundial, a língua alemã foi proibida, e com isto trouxe outro retrocesso, levou os colonos novamente a se isolarem, e desta vez, por medo. Após o período de guerra, a integração entre os povos teve continuidade, e agora com muitos elementos do português inseridos no dialeto Hunsrück (ENGELMANN, 2012).

Foi neste ponto da história que então os colonos se viram na situação em que não dominavam bem nem um idioma, nem o outro. Por isso pode-se dizer que a língua e o dialeto dos imigrantes alemães permaneceu com o passar do tempo, pois foi resultado de um processo natural de integração linguística, como podemos perceber na seguinte afirmação :

Através dessa língua - que constitui uma variante peculiar e um patrimônio linguístico-cultural imaterial brasileiro- fica claro que, submetido a interferências externas, o idioma sofreu mudanças linguísticas, processo comum e natural a todas as línguas vivas (PUPP SPINASSÉ, 2008).

Segundo Steffen (2008) o Hunsrück ainda é um dos dialetos mais falados no Rio Grande do Sul, mas apesar de ser reconhecido como patrimônio cultural, é visto como um fator negativo para o aprendizado da língua alemã padrão, apesar da sua proximidade linguística. Esta visão negativa é resultado da postura das escolas que reprimem o uso do dialeto quando poderiam fazer uso dele para auxiliar no aprendizado. Não valorizar e utilizar o dialeto como facilitador do aprendizado e como reforço da preservação das nossas raízes, nos fará, não só perder um patrimônio cultural imaterial incalculável, mas também a oportunidade única de facilitar o aprendizado de outra língua de alcance internacional, o que nos dias de hoje é totalmente apropriado, haja vista o mundo globalizado em que vivemos.

Este pensamento deixa claro que esta característica, tão tradicional e presente no dia-a-dia e na história do povo de Igrejinha, faz parte do patrimônio imaterial desta cidade e por isso, será

evidenciada e valorizada através das oficinas propostas no projeto deste estudo. Com o intuito de resgatar as memórias e as práticas culturais e transformá-las em vivências, contribuindo para que, parte da tradição vinda nossos ascendentes, se mantenha viva na memória e na vida das pessoas que vivem aqui.

3 JUSTIFICATIVA DA TEMÁTICA

Falar sobre um exemplar de edificação antiga é necessário hoje em dia, e na região do vale do Paranhana temos muitos exemplos, porém este trabalho aborda a causa da preservação e restauração de um dos mais importantes exemplares de edificação do Patrimônio Histórico da região onde se encontra. Por isso, a maior justificativa, senão a mais relevante, tem no tema deste trabalho sua explicação.

A “Casa de Pedra” foi o marco inicial da colonização alemã na região, que era chamada “Santa Maria do Mundo Novo”, e hoje são as cidades de Taquara, Parobé, Igrejinha, Gramado e Canela. Esta casa carrega consigo um enorme valor histórico local, e é um marco referencial para a população de Igrejinha. Por ter sido a primeira edificação em alvenaria da região, tem a explicação do seu nome. Esta casa e sua denominação foram marco de referência para os primeiros imigrantes e é até hoje é, para os atuais moradores da cidade e arredores.

A preservação da casa é uma antiga reivindicação da comunidade de Igrejinha. E apesar de seu valor histórico já ser reconhecido a nível estadual, através do seu tombamento no ano de 2010, até hoje nada foi feito para evitar que a edificação se extinga à causa de degradação e mau uso. Haja vista seu enorme valor, e a situação ruim em que se encontra, é estritamente necessário que a comunidade e o poder público voltem seus olhos para este problema e que sejam tomadas as atitudes cabíveis para sua preservação. A fim de fazer parte desta atitude, proponho com esta pesquisa, recolher todo material e informações existentes sobre esta antiga edificação e com este projeto, fazer a minha parte como cidadã e estudante de arquitetura.

A escolha deste tema tem também como justificativa, a minha experiência pessoal. Através de um intercâmbio, tive a oportunidade de cursar dois semestres da graduação na Universidade *Sapienza*, em Roma. Nesta universidade, o curso de restauro é um dos melhores do mundo, e é lá que se encontram os maiores autores e profissionais desta área. Não poderia deixar de escolher um assunto que fizesse referência à isto, na minha Pesquisa para o Trabalho Final de Graduação, a fim de poder realizar um estudo prazeroso, de um tema que muito me agrada, e conseqüentemente poder aplicar aqui, os conhecimentos lá adquiridos.

Pelo motivo de, a maior parte dos habitantes da cidade de Igrejinha ser de origem alemã, é visível a relevância do ato da preservação de um dos mais importantes exemplares de edificação, da história da região, e que fez parte da vida dos imigrantes. De acordo com ENGELMANN, 2009 nas seguintes palavras:

Povo sem tradição é indivíduo sem memória, não sabe quem é, nem donde vem, nem para onde vai. Fica solto no espaço e no tempo, sem raízes que lhe dêem apoio para firmar sua posição na história, e sem a seiva vital que lhe vivifique a arremetida no sentido do progresso (ENGELMANN, 2009 apud KREBS p. 7)

E é esta identidade étnica, que evoca o patrimônio cultural e a história acerca da colonização alemã, que precisa ser mantida, em benefício à preservação da memória coletiva e das tradições construídas pelo povo que colonizou estas terras e nos deu origem.

4 MÉTODO DE PESQUISA

Para que a proposta de restauro da antiga “Casa de Pedra” da cidade de Igrejinha, seja viável e que o seu espaço, juntamente com sua importância histórica, sejam bem aproveitados pela comunidade, o método adotado foi a leitura de material teórico, documentos e registros referentes à história da edificação em questão acerca do assunto de preservação de patrimônio e respectivamente sobre o assunto relacionado às oficinas e vivências culturais. Após a leitura e compilação dos dados, a redação e análise foram feitas, bem como a análise das referências projetuais. Também foram contempladas visitas in loco, levantamentos e estudos do lote e da edificação pré-existente.

Referente ao Patrimônio Imaterial foram realizadas algumas entrevistas com pessoas relacionadas a cada tipo de atividade, ou seja: Erni Engelman foi entrevistado a fim de adquirir dados relacionados à história da imigração alemã; a professora Dalva Reinheimer⁵ foi entrevistada a fim de obter informações sobre a 'Casa de Pedra' na condição de Patrimônio Histórico. Ernani Peters foi entrevistado para coleta de dados em relação aos corais e sociedades de canto, pois o mesmo participa de um coral há 50 anos e Anibal Sander⁶ que foi entrevistado, por ser um dos músicos mais antigos do município, e ele possui uma bandinha típica alemã e domina a execução de vários instrumentos. Em relação ao cenário atual do município no campo cultural, objetivos, propostas e demandas da população, foi feita entrevista com o Secretário de Cultura, Juliano Muller. Este material foi descrito e encontra-se integralmente no apêndice deste estudo.

⁵ Coordenadora do Curso de História das Faculdades de Taquara (FACCAT), a mesma coordenou a produção do Inventário do Patrimônio de Igrejinha

⁶ Com este entrevistado foi possível obter informações em relação aos instrumentos musicais e bandas típicas da cultura alemã.

Em relação à “Casa de Pedra” e sua abordagem como pré-existência com, o valor histórico que possui, e com a intenção deste estudo em preservá-la e consolidá-la, foi realizada uma análise da edificação, observando o estado de conservação, materiais e técnicas construtivas e intervenções. Esta análise serve para dar embasamento às estratégias de restauro reestruturação que serão propostas neste projeto. O estudo em questão possibilitou a produção de um memorial descritivo apreciativo da situação encontrada, e este material é apresentado neste trabalho.

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O referencial teórico para a realização da presente pesquisa teve base em assuntos relacionados ao patrimônio, restauro, preservação, imigração alemã, história do município de Igrejinha, história da edificação, patrimônio imaterial local e definições e referências de espaços de uso cultural e memorial.

Como referência no assunto ‘patrimônio histórico’ foram utilizados os estudos e a teoria da autora Françoise Choay. No campo do restauro arquitetônico foram considerados os autores Cesare Brandi e Giovanni Carbonara. Como embasamento para discorrer sobre a história da “Casa de Pedra”, a história da música, das sociedades de canto, dialeto alemão e sobre a imigração alemã foi utilizado o autor Erni Engelmann.

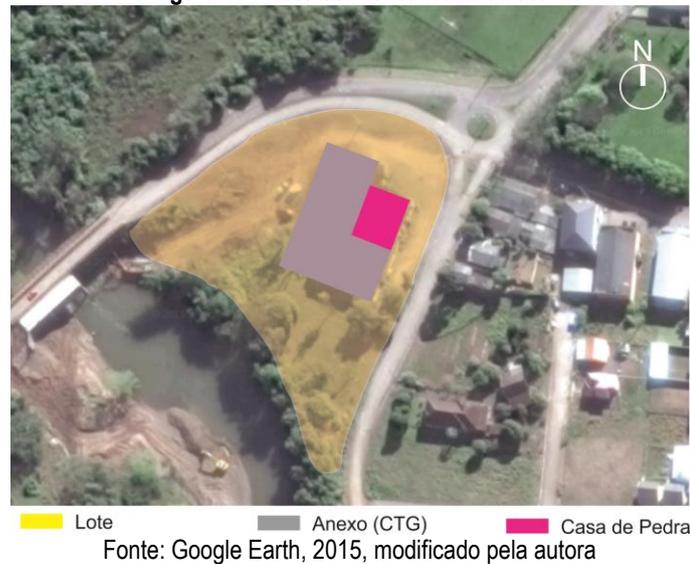
Sobre Oficinas, Memoriais e Centros Culturais buscou-se referências em Ramos (2007), Barcellos (1999) e Vieira (2013).

4.2 ESTUDO DE CASO: A PRÉ-EXISTÊNCIA

A edificação conhecida como “Casa de Pedra” e o seu devido restauro e novo uso, objetivos desta pesquisa, encaminharam os estudos para a necessidade de se proceder com o levantamento da edificação existente, com suas reais medidas e identificação das patologias. O levantamento foi feito in loco e vai apoiar o projeto de restauração que será apresentado na etapa seguinte do Trabalho Final de Graduação.

A “Casa de Pedra” está localizada em lote de formato irregular cujos limites à Noroeste é o Rio Paranhana, à Leste a Rua Tristão Monteiro e à Oeste a Rua Teodoro Júlio Ritter. A casa do estudo possui volume único de características coloniais portuguesas. Esta possui um aumento que a descaracteriza e a envolve nas fachadas Sul e Oeste na forma de um “L”, conforme pode ser mostrado na Figura 12.

Figura 12 - Lote com entorno imediato



A propriedade pertencia à Sociedade de Canto 13 de Janeiro e por este motivo, a edificação histórica mantém este anexo que abriga as atividades de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), conforme Figura 12

De acordo com o Decreto nº 266 de 12 de Junho de 1974, a desapropriação do terreno com finalidade de preservação da casa. Portanto, o Centro de Tradições Gaúchas deverá ser realocado a fim de que possa ser concretizada a intenção de preservação e restauro da casa.

A intenção de preservar a casa e destiná-la ao uso cultural é expressa no Artigo 2º da Lei estadual nº 13.588 de 23 de dezembro de 2010 que diz “O imóvel, que já é público, destinar-se-á à instalação efetiva de aparelho cultural” (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Desta forma, as edificações que hoje estão anexadas à casa serão desconsideradas neste estudo, haja vista a justificativa acima pertinente.

Figura 13- Fachada Leste



Fonte: Autora, 2015

Figura 14 - Fachada Norte



Fonte: Autora, 2015

Figura 15 - Fachada Oeste



Fonte: Autora, 2015

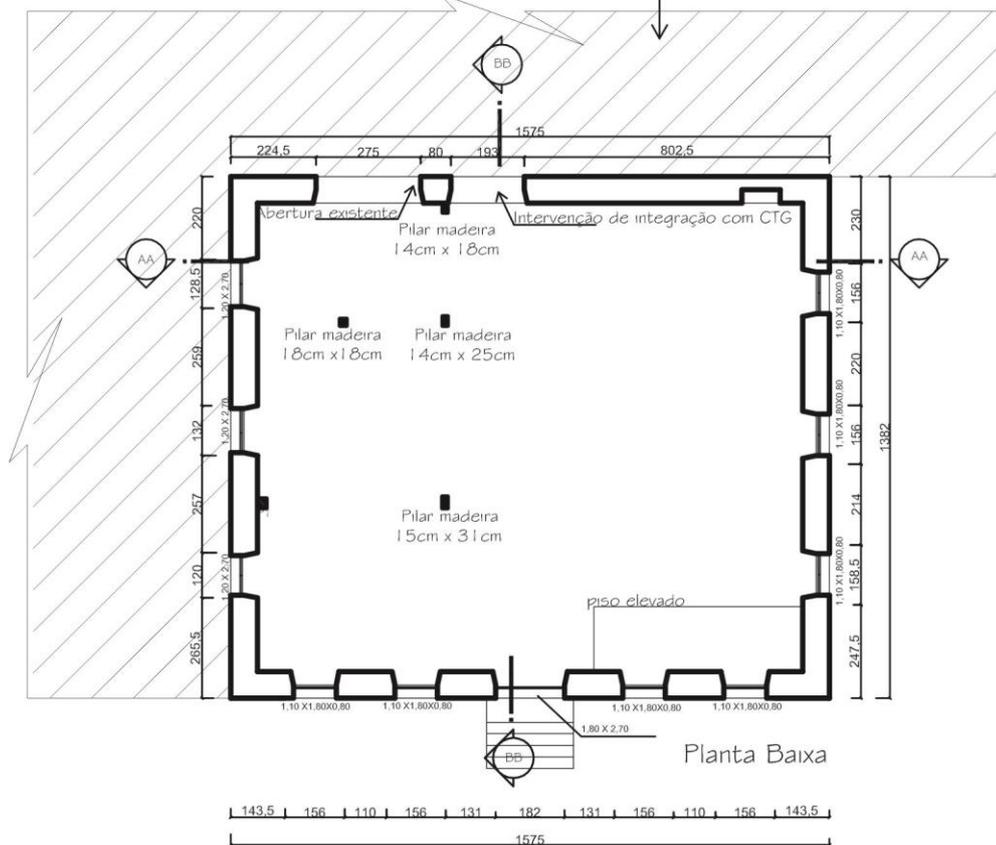
Figura 16 - Fachada Sul



Fonte: Autora, 2015

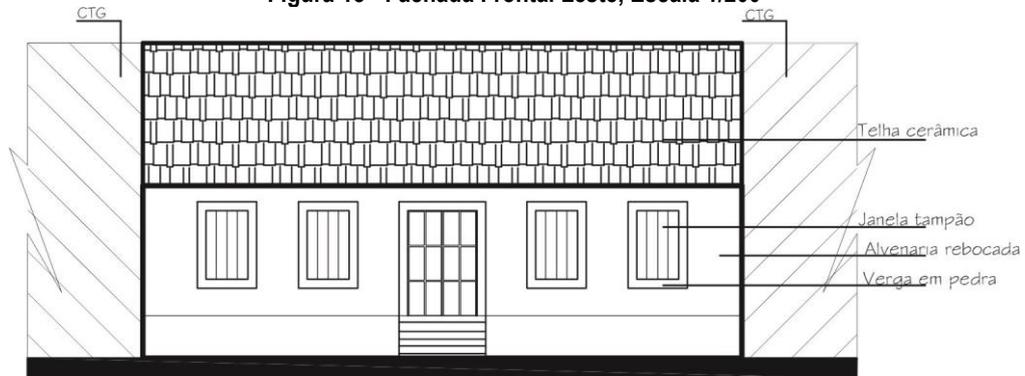
As Figuras 13, 14, 15 e 16 apresentam as fachadas Leste e Norte que estão livres e possíveis de serem visualizadas, e também as fachadas Oeste e Sul, que estão obstruídas pelo anexo do CTG construído junto à "Casa de Pedra"

O interior da "Casa de Pedra" é usado como depósito de objetos do CTG e de objetos que faziam parte de um museu que fora instalado ali e hoje está desativado.

Figura 17 - Planta baixa Escala 1/200
Edifício CTG

A planta baixa da casa (Figura 17) mostra a atual dimensão e as fenestrações existentes na edificação. Com paredes de 70 centímetros, medindo 15,75 metros por 13,82 metros, a casa tem 217,66 metros quadrados de área construída.

Figura 18 - Fachada Frontal Leste, Escala 1/200



Fonte: Autora, 2015

A edificação possui telhado de duas águas e com cobertura de telhas cerâmicas (Figura 18). As janelas da casa são do tipo tampão, em madeira, sendo seis janelas na fachada (Figura 19).

Figura 19 - Fachada lateral Norte, Escala 1/200



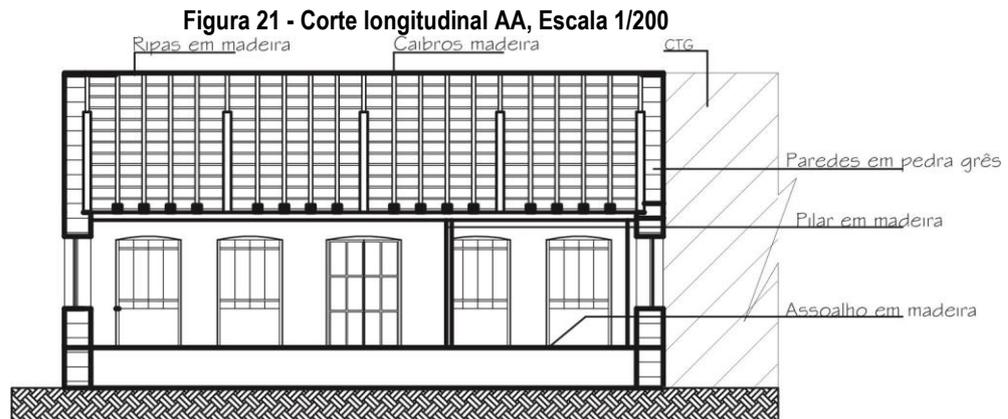
Fonte: Autora, 2015

Não corte representado na Figura 20, percebe-se a espessura das paredes em pedra e o madeiramento do telhado com caibros formando uma espécie de tesoura.

Figura 20 - Corte transversal BB, Escala 1/200



Fonte: Autora, 2015



Nos cortes transversal (Figura 20) e longitudinal (Figura 21) é possível perceber o esquema de madeiramento do telhado, onde mostra que existia um sótão habitável, mas que hoje não é mais possível acessar. Verifica-se a espessura das paredes de pedra, novamente a altura das fenestrações, bem como o anexo do CTG.

Este levantamento inicial de medidas e vistas serve como base para os próximos estudos de patologias e para a proposta de restauro.

4.2.1 Memorial Descritivo - Appreciativo

Este memorial descritivo-apreciativo é o resultado de uma análise feita durante a pesquisa deste trabalho, em que, em visita à “Casa de Pedra” foram realizadas análises e fotografias de detalhes construtivos e danos presentes na edificação. Este capítulo relata a situação encontrada no local e serve de embasamento para proceder com o diagnóstico e prognóstico para o restauro da antiga “Casa de Pedra” de Igrejinha.

A “Casa de Pedra” foi construída em 1862, em estilo colonial Português e com 153 anos de existência, abrigou diversas atividades em seu interior, mas inicialmente serviu como abrigo aos imigrantes alemães que vinham da Europa. A edificação teve uso também como armazém, fábrica de salames, maçonaria, salão de baile e sede do CTG Sentinela da Tradição. Este último uso relatado, é preciso ressaltar, trata-se do seu uso atual, pois o CTG construiu, junto a casa, uma sede que já foi salão de baile e hoje é usada como depósito (Figura 22).

A “Casa de Pedra” é uma edificação em alvenaria de pedra grês, planta retangular, medindo de frente 15,75 metros por 13,82 metros, com sótão e porão não visitáveis. A sua construção em estilo colonial português, apresenta paredes rebocadas interna e externamente e é desprovida de divisões internas. As paredes portantes têm espessura de aproximadamente 70 centímetros. O telhado é constituído de duas águas, com empenas também em alvenaria de pedra e está atualmente coberto

por telhas cerâmicas do tipo francesa, porém, observa-se que estas não devem ser as telhas originais, as quais deveriam ser telhas do tipo capa canal, conforme atesta a empena e o próprio sistema construtivo e estilo. Em sua fachada principal, Leste, possui uma escada com cinco degraus em pedra arenito que leva à porta central de madeira almofadada, composta de duas folhas e ladeada por 2 janelas em madeira do tipo tampão.

Figura 22 - Fachada Norte mostrando edificação construída junto à “Casa de Pedra”



Fonte: Autora, 2015

A construção do CTG junto à “Casa de Pedra”, conforme Figura 22, está colada à edificação histórica, sem haver o menor cuidado em relação ao patrimônio. Uma parede de alvenaria do anexo foi erguida junto à parede da fachada oeste da casa e um anexo em madeira foi erguido junto à fachada sul, visível na Figura 23. A parede original da fachada oeste da casa não pode ser observada, pois o anexo está justaposto à ela. Já a parede da fachada Sul pode ser verificada parcialmente, uma vez que o galpão que ali está, se vale desta fachada para o seu fechamento (Figura 24).

A localização inadequada destas edificações posteriores faz com que parte do telhado de sague junto à fachada oeste da antiga Casa de Pedra, que sofre as consequências desta ação. A inserção de uma calha metálica nesta junção, a qual provavelmente está subdimensionada, causa diversas infiltrações e outras patologias que são visíveis na parede pelo lado interno da casa antiga.

Nesta mesma fachada, a retirada de uma janela, bem como seu peitoril, para adaptação de um balcão para serviços do CTG também foi observada, além de uma abertura, pelo visto já existente, que promove uma integração com a área destinada ao CTG, reforçam a descaracterização desta fachada.

Figura 23- Fachada Leste e anexo em madeira junto à fachada sul



Fonte: Autora, 2015

Figura 24– Fachada Sul vista de fora da casa



As condições de conservação encontradas estão relatadas através dos seguintes tópicos:

- **Fundações:** A estrutura da casa é em pedra do tipo grês (arenito, muito comum no local) e mede 1,10 metros de altura. As fundações estão bem conservadas, com alguns pontos de presumível recalque (Figura 26) devido à presença de tubos de queda de calha, que desaguam junto às fundações sem canalização apropriada, conforme (Figura 25).

Figura 25 - Tubo de queda da calha descarregando diretamente no solo



Figura 26 - Rachadura devido a recalque da fundação



Fonte: Autora, 2015

- **Piso:** O piso se constitui de assoalho de madeira, assentado sobre barroamento também de madeira. Os barrotes não estão visíveis, porém o estado do assoalho como um todo, atesta que estejam em boas condições, uma vez que não há evidencia de umidade e todo o piso está bem ventilado e distante do solo.

O assoalho em madeira está em mau estado de conservação e apresenta alguns pontos com deterioração por térmitas e ausência de algumas réguas de madeira. Em outros pontos apresenta deformações que foram provocadas por umidade na superfície e que gerou um empenamento da madeira, conforme Figura 27. Aparentemente não se trata do assoalho original, visto que a largura das réguas é estreita e a qualidade da madeira é baixa, para o estilo construtivo usado na época.

Figura 27 - Assoalho em madeira



Fonte: Autora, 2015

- **Alvenaria:** As alvenarias são estruturais, constituindo-se toda a casa apenas com as paredes externas em pedra grês, medindo 70 centímetros de espessura (Figura 29), que são rebocadas, tanto interna como externamente. As alvenarias apresentam um estado geral bom, sem rachaduras comprometedoras. Existem alguns danos mecânicos nas paredes, porém superficiais. A parede da fachada oeste, não está acessível para observação da parte externa, e é nesta parede, onde existem as patologias mais significativas e preocupantes, uma vez que sua inspeção só pode ser feita pela face interna, como mostra na Figura 28. Não existem divisórias internas, porém algumas estruturas de madeira, que apoiam o telhado, sugerem a possível presença de algum elemento divisório neste setor da casa, e neste caso, provavelmente de madeira.

Figura 28 - Parede fachada oeste, vista interna com as patologias aparentes



Figura 29 - Espessura da parede



Fonte: Autora, 2015

- **Reboco:** Conforme relatado, as paredes são rebocadas interna e externamente. As condições do reboco no geral estão boas, apesar de apresentarem em alguns pontos, pequenas manchas e descolamentos (Figuras 30 e 31). O material do reboco deverá ser analisado para posterior restauro. As análises aparentemente necessárias no reboco são: constituição de material e traço nas juntas e reboco, umidade, sais, material pictórico e camadas de tintas.

Figura 30 - Reboco na parte interna com manchas e descolamentos



Figura 31 - Reboco na parte externa com descolamentos



Fonte: Autora, 2015

- **Estrutura do telhado:** Estrutura com madeiramento composto de caibros, terças, vigas e reforços inseridos ao longo do tempo. O telhado possui originalmente um sótão que hoje não é mais habitável, pois nem a escada, nem o assoalho existem mais. Consta-se que o telhado está constituído de 4 caibros mestres sendo que o conjunto possui 20 caibros (Figura 32), cujas bitolas e condições de conservação de cada um são difíceis de identificar numa inspeção ocular. Existem 2 vigas transversais de madeira (Figura 33), uma com bitola aproximada 20x20 cm e a outra medindo em torno de 30x50 cm.

Importante ressaltar que se constatarem reforços de todo o tipo executados ao longo do tempo, com diferentes tipos de madeira e diferentes intervenções que necessitam de apreciação específica, com os devidos recursos de segurança e análises das condições das madeiras. Esta apreciação deverá ser realizada por equipe especializada.

O telhado de caibros relatado está apoiado nas alvenarias de pedra e possui apenas alguns pontos de apoios (pilares) descentralizados em relação à planta os quais merecem uma investigação das condições de estruturais do conjunto (Figura 33).

Figura 32- Caibros do telhado



Figura 33 - Caibros e vigas transversais



Fonte: Autora, 2015

- **Telhas:** O telhado está constituído de peças cerâmicas do tipo telha francesa, cuja marca é Cerâmica Taquara, conforme Figura 34. Estas, certamente bem mais novas, foram utilizadas em substituição às telhas originais que provavelmente eram do tipo capa e canal. O ripamento deste

telhado deverá ser todo substituído, bem como as telhas, pelas antigas, em capa e canal pois são as mais adequadas para o sistema construtivo e caimento do telhado original.

Figura 34 - Telhas do tipo Francesa



Fonte: Autora, 2015

-Calhas: Originalmente o telhado era desprovido de calhas, mas atualmente foram inseridas duas: uma sobre a porta principal da fachada leste e outra na junção das duas edificações junto à Fachada Oeste. A primeira, junto à porta (Figura 35) mede pouco mais que o próprio vão da porta e descarrega a água livremente através de um duto de PVC, diretamente no solo junto à fundação da casa. Esta ação pode ser a provável causa de rachaduras aparentes sobre a verga da porta, pois com a água sendo descarregada diretamente sobre o solo da fundação, isto deixa vulneráveis suas fundações, removendo o solo sob as pedras e dessa forma ocasionando as rachaduras na parede. A segunda calha, junto à Fachada Oeste, acompanha a junção das duas edificações e recolhe a água dos dois panos de telhado: tanto da casa antiga quanto da edificação do CTG (Figura 36). O subdimensionamento da calha e a falta de manutenção, uma vez que não é acessível, certamente acrescentam muitos danos às alvenarias de ambas edificações, as quais somente são passíveis de investigação com a remoção da parede divisória do edifício CTG.

Figura 35- Calha metálica sobre a porta principal



Fonte: Autora, 2015

Figura 36 - Ponto de encontro da edificação do CTG com a casa



Aberturas - Portas e Janelas: A casa possui 2 portas originais em madeira, e 12 janelas do tipo tampão de escudo em madeira e com ferragens em ferro fundido do tipo dobradiças cachimbo e com ferrolho. Os vãos das aberturas são constituídos em pedra arenito lavrada, de verga reta e ombreira e peitoril também em pedra. Os peitoris das janelas não são cheios, ou seja, a parede abaixo do nível da janela tem sua espessura mais estreita, o que de acordo com Mascarello (1982, p. 72)

chama-se “peitoril em pano de peito” e permitiam aproximação facilitando o acesso das pessoas à janela (Figura 37).

Figura 37 - Peitoril com espessura mais estreita



Figura 38 - Porta principal



Figura 39 - Porta principal vista lado interno



Fonte: Autora, 2015

A edificação possui 3 aberturas onde havia portas possivelmente todas em madeira maciça. A porta principal da fachada leste é do tipo almofadada, em madeira (Figuras 38 e 39), duas folhas e possui pequenos danos. Existia uma porta na fachada oeste e hoje se encontra somente o vão, com uma porta improvisada em madeira (Figura 40), que serve de entrada para o salão do CTG. A porta da fachada Sul hoje é usada para acesso ao anexo em madeira construído na fachada da casa antiga (Figura 41).

Figura 40- vão da antiga porta da fachada oeste, hoje é passagem para o salão do CTG



Figura 41 - antiga porta da fachada sul



Fonte: Autora, 2015

As janelas estão em satisfatório estado de conservação, porém necessitam de uma análise peça por peça para melhor descrição de danos e avarias(Figuras 42 e 43). Ao redor da janela se percebe as ombreiras, detalhe feito com reboco.

Figura 42 - Janela vista interna



Figura 43 - Janela vista externa



Fonte: Autora, 2015

- Acabamentos gerais:

A casa recebeu pintura possivelmente à base de cal sobre reboco e as vergas das aberturas permanecem em pedra natural. É possível perceber internamente, descolamentos de tinta e em algumas partes, as diferentes camadas revelam as pátinas dos diferentes demãos e cores (Figura 44).

Figura 44 - Descolamento de tinta e diferentes demãos de tinta



Fonte: Autora, 2015

- Instalações elétricas e hidráulicas: As instalações elétricas são adaptadas ao uso contemporâneo através de fiação exposta que passa sobre as vigas do telhado e abastecem 5 pontos de luz com lâmpadas fluorescentes (Figura 46). Instalação hidráulica conta somente com um ponto de água em uma pia e um ponto de saída de esgoto, também solução adaptada para uso recente (Figura 45).

Figura 45 - Ponto água e esgoto



Figura 46 - Fiação elétrica aparente



Fonte: Autora, 2015

- Exterior imediato - Vegetação: ao redor das duas fachadas visíveis e acessíveis, a Norte e a Leste, existe uma massa densa de vegetação obstruindo até a própria visão da fundação, que mede mais de um metro de altura (Figura 47 e 48). Esta vegetação causa danos ao acabamento e a estrutura da casa.

Figura 47 - Vegetação em relação à janela



Figura 48 - Vegetação fachada leste



Fonte: Autora, 2015

Este memorial possibilita uma primeira análise geral de conservação da edificação em estudo e tornar-se-á base imprescindível para que as etapas a seguir sejam mais aprofundadas.

5 ÁREA DE INTERVENÇÃO

A “Casa de Pedra” está localizada no município de Igrejinha, Rio Grande do Sul, a 85 km da capital Porto Alegre (Figura 49). O Município tem 31.663 habitantes e faz divisa com a cidade de Três Coroas ao norte, ao sudeste com a cidade de Taquara, sudoeste com a cidade de Parobé, a oeste com a cidade de Nova Hartz e a Noroeste com Santa Maria do Herval (Figura 50). As principais vias de chegada à cidade são as rodovias RS 020 e RS 115 (PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA, 2015).

Figura 49 - Localização do Município de Igrejinha



Fonte: Google, 2015, adaptado pela autora

Figura 50 - Limites do município de Igrejinha

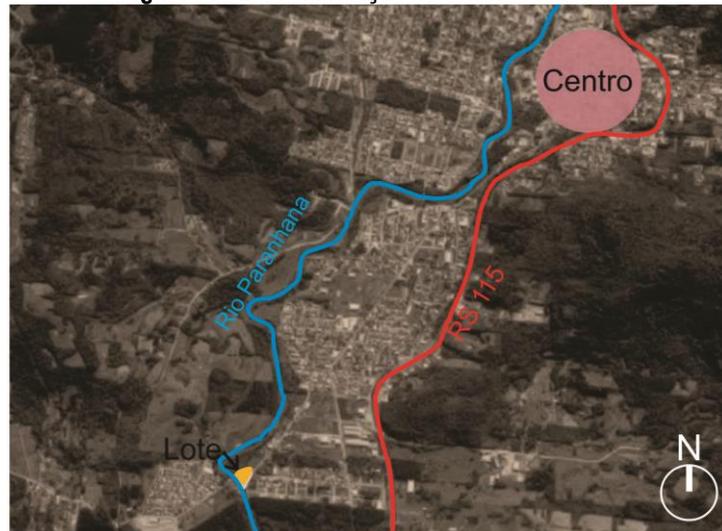


Fonte: Google, 2015, adaptado pela autora

5.1 O LOTE

Localizada no bairro de mesmo nome, a edificação “Casa de Pedra” encontra-se em um lote com 8.249 m², que está situado distante 4,2 quilômetros ao Sul do centro da cidade, conforme Figura 51.

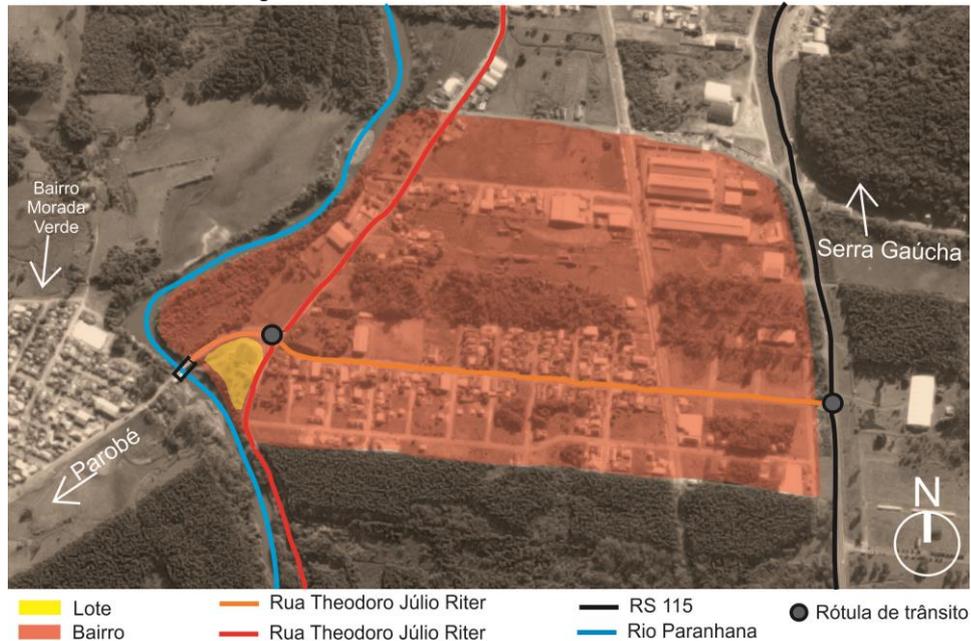
Figura 51 - Lote em relação ao centro da cidade



Fonte: Google Earth, 2015, adaptado pela autora

O Rio Paranhana faz limite a Oeste do lote da “Casa de Pedra”. A noroeste do lote existe uma ponte de concreto para pedestres e tráfego duplo de carros, esta ponte dá acesso ao Bairro Morada Verde e também à Cidade de Parobé, com a qual o Bairro Casa de Pedra faz divisa. A rótula de acesso na RS 115 é o primeiro acesso à cidade para quem vai em direção à Serra Gaúcha e através da Rua Teodoro Júlio Ritter dá o acesso direto da Rodovia até o lote. A rótula de trânsito em frente ao lote dá acesso ao centro da cidade através da Rua Tristão Monteiro. A Rua Tristão Monteiro, uma das mais antigas da cidade, inicia no Bairro Centro, passa em frente ao lote e segue até a cidade de Parobé (Figura 52).

Figura 52 - Bairro Casa de Pedra, lote e acessos



Fonte: Google Earth, 2015, adaptado pela autora

O bairro Casa de Pedra e os arredores do lote em estudo foi o primeiro núcleo de habitação, à partir do qual teve início a expansão e a criação das cidades que fazem parte da região. No passado a antiga “Casa de Pedra” era o núcleo central da colonização, hoje este local faz parte de um bairro da periferia, estando localizado a 4,2 quilômetros do centro da cidade. Um panorama com vistas aéreas de diversas datas forma na Figura 53, um histórico desta região onde se encontra o lote. Desta forma podemos concluir que a densidade populacional não aumentou muito, mantendo grande parte da mata ciliar e lotes maiores usados para plantio ainda hoje nos arredores da área em questão.

Figura 53 - Histórico do Lote



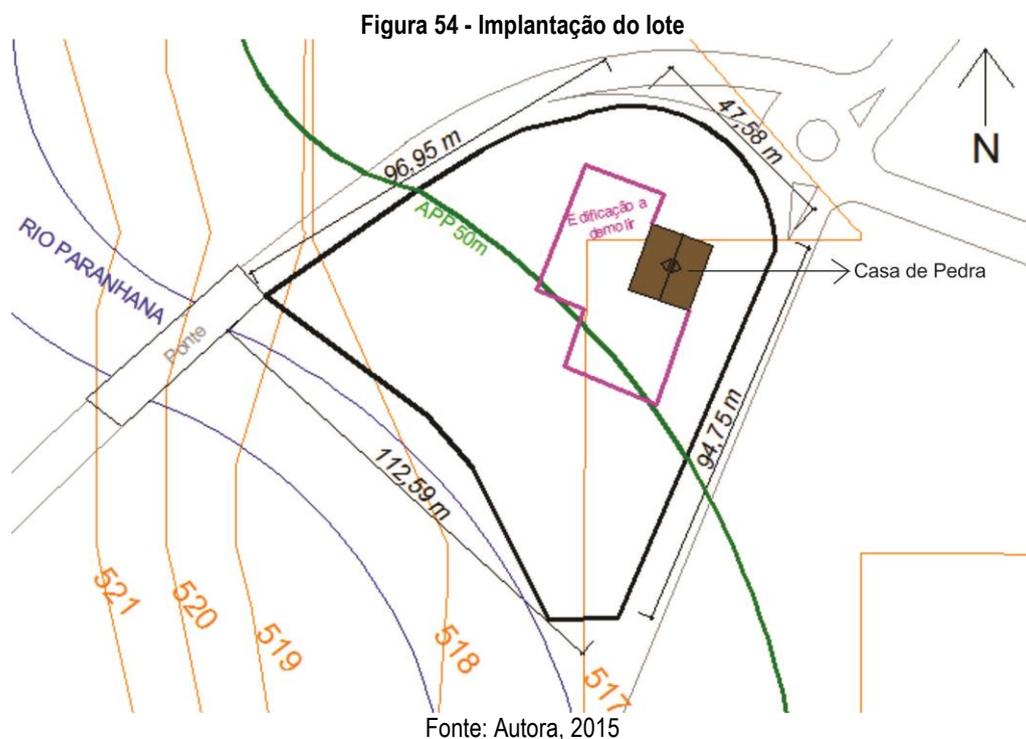
Fonte: Prefeitura Municipal de Igrejinha, 2015, modificado pela autora

Observando a Figura 52, é possível visualizar o perímetro do lote em estudo, e notar sua forma irregular, tratando-se de um terreno ladeado por duas vias arteriais e à sudoeste pelo Rio Paranhana.

De acordo com o que foi exposto no estudo de caso (p.36 e 37) as edificações que hoje estão anexadas à casa serão desconsideradas neste estudo.

5.2 LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO E DE VEGETAÇÃO

O município de Igrejinha não possui levantamento planialtimétrico de seu território. Portanto, para fins de desenvolvimento deste estudo, as informações referentes à topografia, vegetação existente e morfologia do lote foram produzidas com auxílio do software Google Earth, Sketchup e também, baseadas nas percepções das visitas ao lote. A área demarcada do lote, na Figura 54 soma um total de 8.249 m².



A Figura 54 apresenta uma implantação da casa e do terreno. Pode-se perceber que o terreno apresenta pouca diferença de nível. Sendo as curvas demonstradas com marcações de 1 metro de altura, o terreno conta com declividade de pouco mais de um metro, no sentido norte sul.

O lote possui uma massa de vegetação ciliar junto ao leito do rio, no trecho adjacente ao lote, dentro da Área de Preservação Permanente (APP).

5.3 CONDICIONANTES AMBIENTAIS

A cidade de Igrejinha possui estações do ano bem definidas apresentando média da temperatura de 19°C. O clima subtropical úmido é o definido para a cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA, 2015).

Devido às barreiras formadas pelas montanhas do vale, os ventos dominantes sofrem um pequeno desvio, soprando na cidade de Igrejinha, na direção Nordeste. No entorno imediato do lote não se encontram edificações em altura que poderiam servir de barreira para o vento, sendo um fator favorável à ventilação conforme Figura 55 (PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA, 2015).

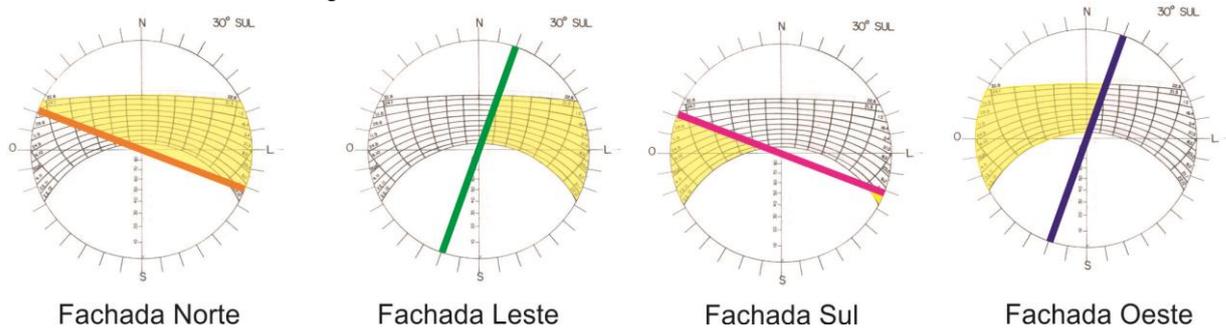
Figura 55 - Ventos dominantes e orientação das fachadas



Fonte: Google Earth, 2015, adaptado pela autora

Para análise de insolação, foi utilizada como base de testadas, as da própria pré-existência, ou seja, a edificação “Casa de Pedra”, pois o lote possui forma irregular. Esta escolha se deve também uma vez que o projeto da nova edificação deve seguir os alinhamentos da pré-existência. Para esta análise (Figura 56) foi utilizada a Carta Solar do município de Novo Hamburgo, devido à inexistência de Carta Solar oficial do município de Igrejinha. As testadas foram demarcadas seguindo as mesmas cores utilizadas na Figura 55.

Figura 56 - Cartas Solares – Solstícios de Verão e Inverno



Fonte: Carta Solar de Novo Hamburgo, adaptado pela autora, 2015

Através da leitura da Carta Solar podem ser determinados os horários com incidência de sol nas testadas, durante os Solstícios de Verão e Inverno, como sintetizado na Tabela 1.

Tabela 01 - Horários de incidência solar

Fachada	Solst. Inverno (21.06)	Solst. Verão (23/12)
Norte	Nascer -Anoitecer	6 h – 13h30min
Leste	Nascer - 11h	Nascer – 12h
Sul	Não Incide	5h – 6h 13h30 - Anoitecer
Oeste	11h - Anoitecer	12h - Anoitecer

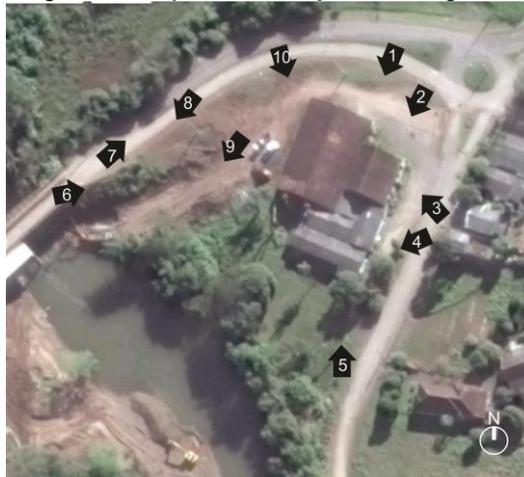
Fonte: Autora, 2015

Outro fator a ser considerado na análise ambiental do lote, é a sua relação com o Rio Paranhana. Pode-se afirmar que a área do lote é classificada como alagadiça. A Prefeitura Municipal conta com uma regulamentação de cotas de enchente, que são orientações projetuais, de alturas mínimas para edificações construídas próximas ao rio. Estas cotas foram definidas baseadas no maior evento de cheia já registrado, que aconteceu no ano de 1982. Portanto, deve ser um condicionante nas edificações, mas, não é obrigatória, sendo escolha do proprietário adotá-la ou não, ficando registrado na prefeitura um termo de ciência do recebimento da informação. Porém, recentemente a Prefeitura Municipal interviu na morfologia do Rio, aprofundando o leito nas áreas que apresentavam maior risco de transbordamento, chegando a quase zero o número de alagamentos nos últimos tempos.

5.4 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO LOTE

Na visitação ao lote e à edificação em estudo, foi feito o levantamento fotográfico, procurando registrar os principais pontos de vista de observação do lote e da “Casa de Pedra”, bem como o entorno ao qual ela se insere. Os pontos de onde foram obtidas as fotografias estão indicados na Figura 57.

Figura 57 - Mapa de localização das fotografias



Fonte: Google Earth, 2015, modificado pela autora

Figura 58 - Vista 1: Casa de Pedra e CTG, fachada Norte



Fonte: Autora, 2015

Figura 59 - Vista 2: Fachada Norte "Casa de Pedra"



Fonte: Autora, 2015

Figura 60 - Vista 3: Fachada Leste



Fonte: Autora, 2015

Figura 61 - Vista 4: Anexo em madeira



Fonte: Autora, 2015

Figura 62 - Vista 5: Anexo em madeira obstruindo fachada Sul da casa



Fonte: Autora, 2015

Figura 63 - Vista 6: CTG obstruindo fachada oeste da casa, vista sobre a ponte



Fonte: Autora, 2015

Figura 64 - Vista 7: Visual da ponte em direção à Rua Theodoro Júlio Riter



Fonte: Autora, 2015

Figura 65 - Vista 8: Vista da ponte



Fonte: Autora, 2015

Figura 66 - Vista 9: Visual do lote em direção a ponte



Fonte: Autora, 2015

Figura 67 - Vista 10: CTG vista noroeste



Fonte: Autora, 2015

A edificação de caráter misto está obstruindo a visão da edificação histórica em pelo menos duas fachadas, a Sul e a Oeste, conforme podemos verificar nas Figuras 60, 61, 62, 63 e 67.

5.5 ENTORNO

O entorno no qual o lote em estudo se localiza é de uso predominantemente residencial como se nota na Figura 68, onde são apresentados os usos e as alturas das edificações do entorno.

Figura 68 - Usos e alturas



Residencial
 Lote
 Campo de futebol

Industrial
 Casa de Pedra
 Escola Municipal

* Numeração indica o número de pavimentos

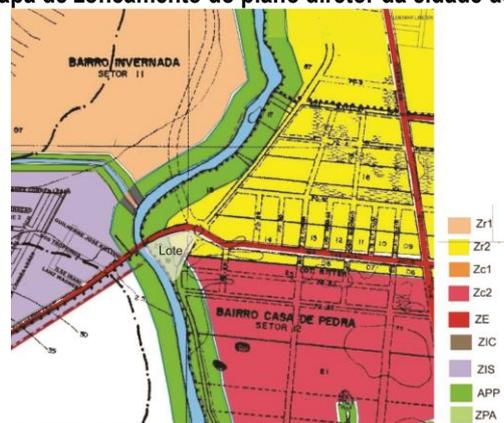
Fonte: Google Earth, 2015, modificado pela autora

5.6 ÍNDICES URBANÍSTICOS

As informações para análise dos índices urbanísticos foram retiradas do Mapa de Zoneamento do Plano Diretor e Desenvolvimento de Igrejinha (PDDUA 2006) - Lei Municipal 3.824/2006, de 27 de Outubro de 2006 (Figura 69).

O lote escolhido localiza-se na zona Zr2 e APP (Área de Preservação Permanente). Na zona Zr2 permitindo a construção de diversos tipos de ocupações como residência, comércio, serviços e indústria. Ao fundo do lote está o leito do Rio Paranhana, por isso este lote também possui uma zona de APP. Conforme o Código Florestal, neste caso, o recuo deve ser de 50m, pois o rio neste ponto tem 25m de largura (IGREJINHA, 2006).

Figura 69 - Mapa de zoneamento do plano diretor da cidade de Igrejinha – RS



Fonte: Adaptado do PDDUA de Igrejinha pela autora, 2015

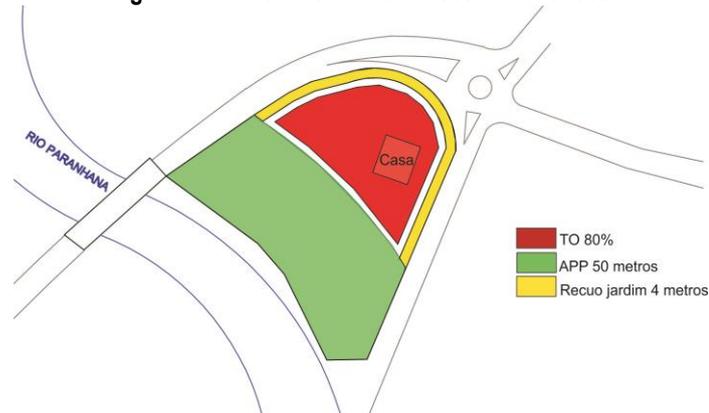
De acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Rural e Ambiental de Igrejinha, os índices urbanísticos para a área do lote são:

- **Taxa de Ocupação (TO): 80%**
- **Índice de Aproveitamento (IA): 2,5**
- **Recuo de ajardinamento: 4 metros**

Com base na análise do Plano Diretor, obtemos alguns dados de dimensões que o projeto pretendido pode alcançar (Figura 70):

- **Área total do lote:** $8.249\text{m}^2 - 4.378\text{m}^2$ (APP) = 3.871 m^2
- **Taxa de Ocupação (TO) 80%:** $3.096\text{ m}^2 - 217\text{ m}^2$ (Casa de Pedra) = 2.879m^2
- **Índice de Aproveitamento (IA) 2,5:** $9.677,5\text{m}^2$
- **Recuo de ajardinamento: 4 metros**
- **Recuo APP: 50 metros:** 4.378 m^2

Figura 70 - Lote mostrando índices urbanísticos



Fonte: Autora, 2015

Tendo em vista o caráter excepcional do projeto pretendido, não há interesse em atingir o índice de aproveitamento nem a taxa de ocupação máxima.

5.7 FLUXO VIÁRIO

O sistema viário do lote é demonstrado na Figura 71 e vê-se que é composto por duas vias arteriais, a Rua Tristão Monteiro (Figura 75) que vem diretamente do centro da cidade, passa em frente ao lote, segue em direção à Ponte sobre o Rio Paranhana (Figura 74) e segue em direção à cidade de Parobé (Figura 73) e a outra é a Rua Theodoro Júlio Ritter (Figura 72) que faz ligação direta do lote com a rodovia RS 115.

Figura 71 - Hierarquia Viária



Fonte: Google Earth, 2015, adaptado pela autora

Figura 72 - Rua Teodoro Júlio Riter em direção ao lote



Figura 73 - Rua Tristão Monteiro em direção à ponte



Fonte: Autora, 2015

Figura 74 - Vista de cima da ponte



Figura 75 - Rua Tristão Monteiro vista da ponte em direção ao lote



Fonte: Autora, 2015

6 ESTUDO DE REFERÊNCIAS

6.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS E FORMAIS

Foram selecionados três projetos referenciais análogos e um referencial formal com objetivo de embasar e auxiliar o desenvolvimento e entendimento do programa e tema abordados nesta pesquisa.

6.1.1 Casa da Cultura de Pinhel (ARCHDAILY,2015).

- * Arquitetos: depAArchitetcts
- * Localização: Pinhel, Potugal
- * Área: 1.040 m²
- * Ano do projeto: 2014

Figura 76 - Vista da fachada frontal

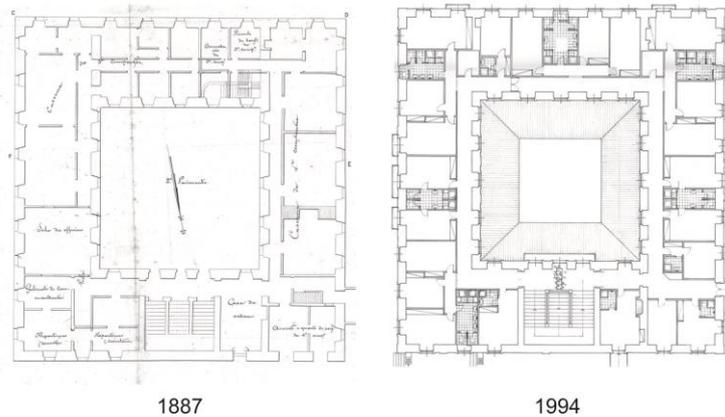


Fonte: Archdaily (2015)

A reabilitação do antigo prédio do século XVIII para abrigar uma casa de cultura é pertinente ao tema proposto para esta pesquisa tanto como referência análoga e formal para este estudo.

A inserção da Casa de cultura de Pinhel, em Portugal, no antigo Paço Episcopal da cidade que durante muito tempo teve em seu interior várias funções, Episcopado, Quartel Militar, Sede da Polícia, Escola e Residência de estudantes. A Figura 76 mostra a fachada da antiga edificação. O projeto quis trazer de volta a nobreza e a coerência espacial que foi sendo desfigurada com o tempo (ARCHADILY, 2015). As plantas de duas épocas distintas estão apresentadas na Figura 77, não foram encontrados registros dos usos mas, pode-se perceber que a compartimentação da planta não teve grandes mudanças em pouco mais de cem anos de uso.

Figura 77 - Planta baixa original e de 1994



Fonte: Archdaily (2015),

A planta baixa atual (Figura 79), adaptada para receber o uso como casa de cultura modificou a compartimentação inicial a fim de ampliar os espaços. Para receber as exposições algumas paredes, que não faziam parte da planta original, foram retiradas e as circulações mantidas, e também foram criadas novas circulações envidraçadas que invadem o pátio e conectam com as demais circulações adjacentes ao pátio central (Figura 78).

Figura 78 - vista do pátio interno



Fonte: Archdaily (2015)

Figura 79 - Planta baixa atual e respectivo zoneamento



2014

Fonte: Archdaily (2015), modificado pela autora.

Assim como este projeto referencial, o objeto de pré-existência desta pesquisa, a “Casa de Pedra” também já abrigou diversos usos em seu interior. Neste projeto referencial, o objetivo foi trazer de volta a coerência formal interna, pertencente ao projeto original, retirando paredes, mas deixando à mostra estas marcas. Solução desejada também para o objeto deste estudo.

O edifício necessitou de uma intervenção interna, que fosse ao mesmo tempo econômica e viável. Os arquitetos optaram pela demolição de paredes deixando à mostra as texturas dessa demolição e esta característica tornou-se um tema de projeto, como se vê claramente na Figura 80 e 81 (ARCHDAILY, 2015).

Figura 80 - Texturas das demolições ficaram aparentes



Figura 81 - Texturas das demolições



Fonte: Archdaily (2015)

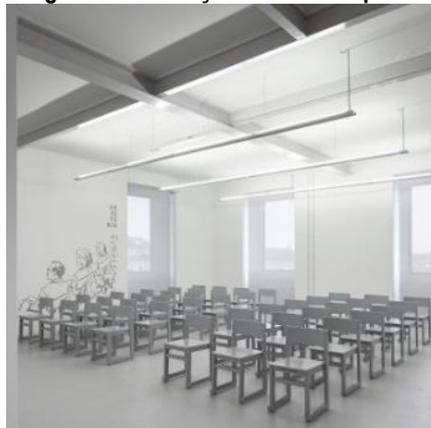
Figura 82 - Imagem interna, infraestrutura de iluminação e infraestrutura exposta.



O projeto norteou-se no equilíbrio entre a permanência e o resgate dos traços originais mais marcantes, como a escadaria monumental e o teto de gesso. Foi feito a retirada de todos os elementos supérfluos que descaracterizavam o edifício e que eram fruto de inserções para adaptação às diversas atividades que ali aconteceram durante o passar do tempo. Sobreposta à demolição, foi projetado uma uniformização cromática através da pintura de todas as superfícies, realçando as texturas e marcas da demolição sem acabamento. Todos os reforços estruturais e elementos novos de iluminação e infraestruturas, foram assumidamente expostos ao invés de estarem escondidos, como nota-se na Figura 82 e 83 (ARCHDAILY, 2015).

As adaptações e inserções, resultado dos diversos usos da antiga “Casa de Pedra” durante o tempo, serão desconsiderados e retirados, pois descaracterizam o edifício, da mesma forma como foi feito neste projeto referencial da Casa de Cultura de Pinhel, pois o objetivo desta ação é trazer à luz novamente o caráter da antiga edificação.

Figura 83 - Reforço estrutural exposto



Fonte: Archdaily (2015)

Os anexos novos que servem de circulação foram projetados com materiais modernos (Figura 84) para acentuar e diferenciar a intervenção (ARCHDAILY, 2015).

Figura 84 - Anexos de circulação com uso de materiais modernos



Fonte: Archdaily (2015)

Ainda regidos pelo conceito do projeto de demolição e permanência da história, com o material da demolição, foram feitos móveis que foram inseridos no projeto, por exemplo, as cadeiras de madeira que aparecem na Figura 83. Também as cores do mobiliário seguiram o rigor da unidade cromática estabelecida pelo conceito e determinada pelo caráter do projeto (ARCHDAILY, 2015).

Este projeto foi escolhido como referencial, pois na proposta projetual desta pesquisa, a intenção de caráter segue esta mesma linha, ou seja, a inserção do anexo no edifício histórico deverá ser feita com uso de materiais modernos e que façam o contraste visual. A decisão de deixar à mostra os reforços estruturais e as marcas dos elementos que foram retirados, para que estes sirvam de testemunho da passagem do tempo na edificação, também é intenção de projeto para o objeto desta pesquisa.

6.1.2 Centro de Interpretação do Pampa

* Arquitetos: Brasil Arquitetura: Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz, Vinícius Spira e Gabriel Grinspum

* Localização: Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil

* Área: 1.880 m²

* Ano do projeto: 2011

"O tema central do museu do pampa é a singularidade da paisagem física e humana do que se chama pampa, no quadro da experiência brasileira" (BRASIL ARQUITETURA, 2015). O projeto consiste em um museu vivo onde os visitantes poderão vivenciar a singularidade e a riqueza da natureza, da cultura e da história da região onde ele está inserido.

Figura 85 - Imagem externa implantação



Figura 86 - - Imagem volume pedra no acesso



Fonte: Brasil Arquitetura (2015)

Neste exemplo, a proposta de unir uma edificação histórica já existente a um novo anexo seguiu a lógica de diferenciar com materiais e formas cada caso (Figura 87). A edificação antiga foi respeitada e preservada, ganhando um anexo de edifício novo com finalidade de completar a área para a atividade proposta (Figuras 85 e 86). Estas ações são intenções projetuais para a implantação das oficinas no projeto desta pesquisa. Para abrigar estas atividades também será necessário a inserção de um anexo e este projeto referencial traz um bom exemplo para esta decisão projetual, pois mostra a edificação histórica preservada com as características formais originais e o anexo inserido, respeitando a hierarquia volumétrica da edificação antiga (Figuras 88 e 90). A imagem interna (Figura 89) mostra a intenção de projeto de interiores com mobiliário de design. O uso de materiais modernos evidenciando o contraste do novo com o antigo também é uma decisão projetual que serve de inspiração para o projeto proposto nesta pesquisa (Figura 87).

Figura 87 - Perspectiva externa com visual novo e antigo



Fonte: Brasil Arquitetura (2015)

Figura 88 - Perspectiva externa com visual para edificação antiga



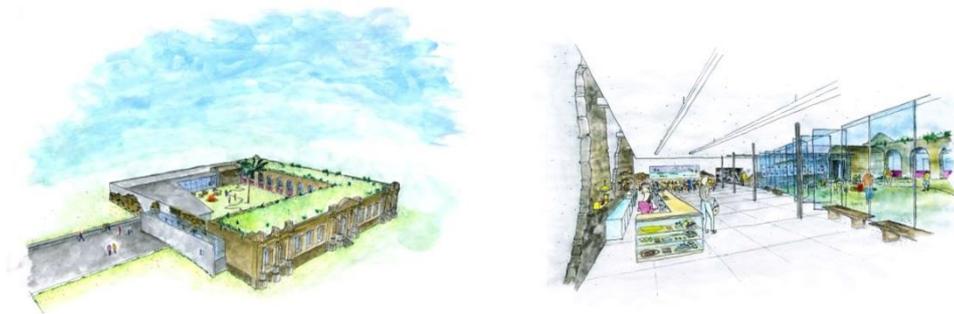
Fonte: Brasil Arquitetura (2015)

Figura 89 - Imagem interna



Fonte: Brasil Arquitetura (2015)

Figura 90 - Croquis



Fonte: Brasil Arquitetura (2015)

O referencial apresentado tem na essência do projeto, a mesma ideia que é pretendida para o projeto referente a esta pesquisa. Pois será mantida a pré-existência e a inserção de edificação nova, respeitando os valores, escalas e estilos pertinentes, assim como foi proposto neste referencial.

6.1.3 Menção honrosa do Concurso para Nova escola de música de Bressanone.

- * Arquitetos: Aires Mateus e GSMM Architetti
- * Localização: Bressanone / Itália
- * Área: 3.539m²
- * Ano do projeto: 2014

A prefeitura da cidade de Bressanone na Itália organizou um concurso de arquitetura a fim de selecionar um projeto para a futura escola local de música. Os ganhadores da menção honrosa do concurso, Aires Mateus e GSMM Architetti, definem as estratégias para o projeto "como uma nova ponte da cidade". A geometria simples do volume percebida na Figura 92, ajuda a estabelecer uma hierarquia entre a nova praça peatonal e o centro histórico (ARCHDAILY,2015).

Figura 92__ Fachada principal escola de música de Bressanone



Figura 91 - Pátio central



Fonte: Archdaily (2015)

O edifício possui um pátio interno (Figura 91) e este se converte em um momento de transição entre a chegada e o acesso às salas de música.

Figura 92 - Planta baixa térreo



Fonte: Archdaily (2015), adaptado pela autora.

Analisando as plantas baixas do projeto (Figura 92) é possível verificar que as salas de aula estão organizadas em torno do pátio central. Esta decisão projetual reforça a importância deste espaço como valor simbólico para a escola. A relação visual gerada entre o pátio e as salas de aula ajuda a estabelecer, entre os estudantes, um sentido de pertencimento a uma comunidade (ARCHDAILY, 2015).

Na Figura 94 é possível perceber que o pátio é estruturado em duas direções que podem também ser traduzidas no programa funcional. Na direção horizontal são destacadas as amplas galerias, que destacam o acesso aos diferentes programas. A segunda direção é percebida pela rampa que conecta verticalmente e unifica o térreo com os pavimentos superiores (ARCHDAILY, 2015).

Figura 93 - Sala de aula



Figura 94 - Pátio central e rampa de acesso ao pavimento superior



Fonte: Archdaily (2015)

A análise deste projeto é pertinente, uma vez que enriquece a pesquisa em relação a esta tipologia de pátio interno e salas de aula voltadas para este pátio (Figura 93), pois esta é a intenção projetual pretendida para o projeto resultado desta pesquisa. O projeto desta escola de música mostra como é acertada a escolha de se ter um pátio, para convívio e para que os ambientes tenham esta vista, a fim de proporcionar maior integração aos usuários.

6.2 PROJETO REFERENCIAL FORMAL

6.2.1 County Cork Painter's Studio

- * Arquiteto: Local
- * Localização: Cork Irlanda
- * Área: 500 m²
- * Ano do projeto: 2006

O projeto consistiu em transformar um velho celeiro de pedra, localizado em uma fazenda na Irlanda em Estúdio de pintura e casa de férias para uma artista plástica e sua família. Ela pinta paisagens, e queria uma vista bonita e muita luz, mas ao mesmo tempo, a família gostaria de manter o caráter rústico do velho celeiro de pedra (ARCHDAILY, 2015).

Os arquitetos decidiram manter a fachada voltada para os outros edifícios existentes, (Figura 96) e abrir com janela envidraçada (Figura 95) a fachada que é voltada para a melhor vista das colinas da fazenda. Duas clarabóias, invisíveis da rua, trazem luz para a parte de trás da casa (ARCHDAILY, 2015).

Figura 95 - Fachada aberta para a vista da fazenda



Fonte: Archdaily (2015)

Figura 96 - Fachada frontal mantida conforme original



Fonte: Archdaily (2015)

Figura 97 - Fachada lateral



As pedras retiradas da fachada onde foi feita a abertura de vidro, foram utilizadas por artesãos locais para fazer os degraus da escada (Figura 97) que leva até o segundo pavimento pelo lado externo. O dono da casa fazia a supervisão da obra, pois desejava que detalhes originais fossem mantidos, para que a linguagem vernacular não se perdesse (ARCHDAILY, 2015).

Figura 98 - vista interna do primeiro pavimento



Figura 99 - Vista interna do térreo

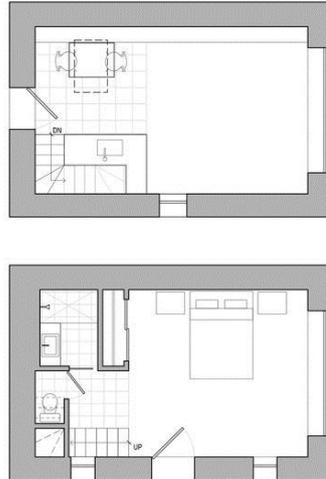


Figura 100 - Imagem interna do estúdio, mostrando a ampla janela



Archdaily (2015)

A planta baixa foi outro desafio, pois devia atender a uma casa de banho, cozinha, quarto e escada, o projeto foi realizado o mais compacto possível e foram os cômodos foram encaixados como um quebra-cabeça (Figuras 98, 99 e 100).

Figura 101 - Planta baixa, térreo e primeiro pavimento

Archdaily (2015)

Este referencial foi escolhido por apresentar características estéticas similares à da edificação em estudo nesta pesquisa, a 'Casa de Pedra'. É possível perceber que muitas características foram mantidas e foram feitas as devidas adaptações para receber o novo uso. Caso que será também tratado na edificação alvo do presente estudo e restauro. O uso da pedra natural na edificação nova vai de certa forma desnudar a técnica construtiva da casa a ser preservada, criando um diálogo entre o novo e o antigo.

7 PROPOSTA DE PROJETO

Esta pesquisa reúne estudos e dados para concepção de um projeto de restauro para a antiga 'Casa de Pedra' de Igrejinha juntamente com a proposta de inserção de um anexo, para abrigar um espaço destinado a valorizar a memória local e atividades culturais, com foco em vivências relacionadas ao patrimônio imaterial do município de Igrejinha. A intenção é de que seja um espaço de uso da comunidade de Igrejinha, uma vez que a edificação tombada é propriedade municipal e tombada pelo município.

O foco central do projeto serão os ambientes onde acontecem as oficinas de música, canto e idioma alemão. Propõe-se também um espaço destinado a um memorial, referente à história da edificação. Este memorial, que se localiza na edificação a ser restaurada, deve ter um aparato tecnológico e visual que conte a história da antiga casa através de imagens, sons e textos, expostos em totens interativos dispostos no ambiente da própria casa, onde também fica a recepção. Propõe-se também, a criação de um pátio de encontros, entre a casa e o anexo, que pode receber desde

pequenos shows musicais até feiras de antiguidades e artesanatos, eventos temáticos ou simplesmente proporcionar ao usuário apreciar a bela visão da antiga casa e do rio.

Propõe-se a desobstrução das fachadas da antiga casa, com a retirada do prédio do CTG, obtendo de volta o monumento e concebendo em sua volta, um espaço para que ela possa ser observada e valorizada, resultando em um conjunto harmônico entre novo e antigo, com respeito no sentido de espacialidade e volume. Estas ações são inspiradas na teoria de Cesare Brandi quando o mesmo afirma o seguinte:

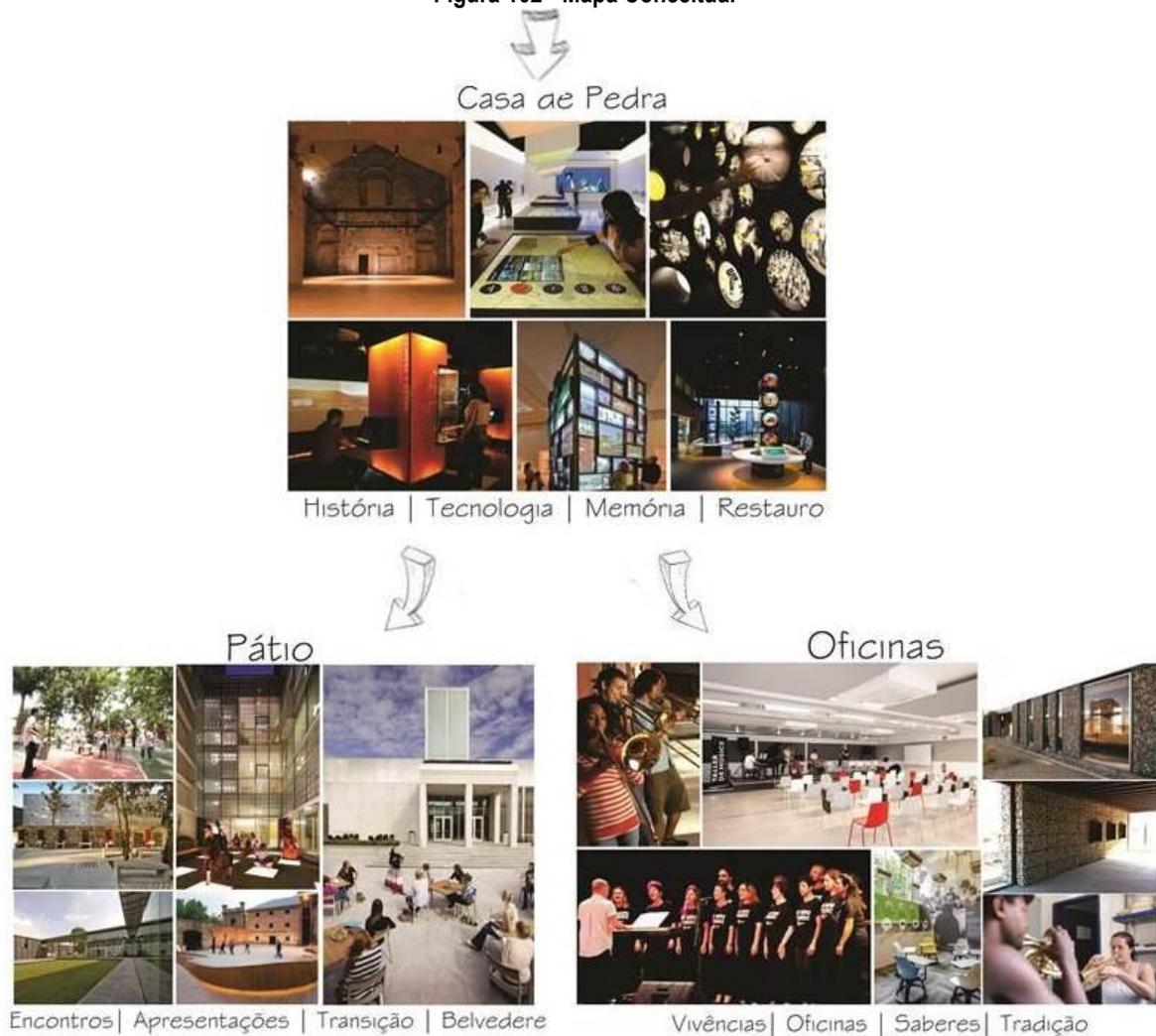
É por isso que a primeira intervenção que devemos considerar não é aquela direta sobre a matéria da obra de arte, mas sim assegurar as condições necessárias para que a obra não tenha obstáculos em meio ao espaço físico em que está inserida (BRANDI, 1977, p.51).⁷

O caráter pretendido é de anexar uma edificação que seja visivelmente diferenciada da casa antiga, a partir do uso de materiais contemporâneos, mas que ao mesmo tempo, o volume anexado, não se imponha em relação à pré-existência, mantendo-se uma hierarquia e respeito volumétrico. Pretende-se utilizar pedras aparentes na fachada do volume novo, oriundas das regiões próximas à edificação, dando alusão ao próprio nome da casa.

O objetivo principal, tanto do projeto arquitetônico quanto ao novo uso, é de que haja um diálogo entre épocas, sem imposição nem submissão, onde o novo edifício venha agregar a área edificada necessária para o acontecimentos das vivências culturais e, assim, proporcionar à cidade de Igrejinha, um espaço de uso comum, agregador de conhecimento e manutenção dos saberes culturais coletivos.

⁷ Tradução da autora: *È per questo che il primo intervento che noi dovremo considerare, non sarà quello diretto sulla materia stessa dell'opera, ma quello volto ad assicurare le condizioni necessarie a che la spazialità dell'opera non sia ostacolata al suo affermarsi entro lo spazio fisico dell'esistenza.*

Figura 102 - Mapa Conceitual



Fonte: Autora, 2015

O Mapa Conceitual na Figura 102 exemplifica e organiza a intenção projetual de acordo com os espaços e as atividades, numa hierarquia de trajeto, onde o tripé Casa de Pedra, Pátio e Oficinas convivem. Ao acessar a Casa de Pedra que servirá como hall de entrada, recepção e memorial, chega-se ao pátio dos encontros, espaço pensado para abrigar atividades em grupo, proporcionar encontros, apresentações e servir de transição entre a antiga casa e a nova edificação. No novo edifício acontecerão as oficinas de música, coral e idioma alemão, bem como as áreas de apoio e infraestrutura. O que se pretende com a casa antiga servindo de entrada para o complexo é justamente ressaltar sua importância, ou seja, enfatizar e valorizar esta edificação, deixando-a como protagonista, podendo ser vivenciada como patrimônio material que é.

7.1 PÚBLICO ALVO

O projeto busca atingir um público variado que tenha ou não vínculo ou raízes culturais com o local. Pessoas que tenham curiosidade e vontade de vivenciar as experiências oriundas da cultura e do patrimônio material e imaterial do município. Como as oficinas culturais serão focadas nas atividades de canto, música e idioma alemão, o espaço será dedicado à profissionais destas áreas, professores e artistas, contratados pelo município e dispostos a comandarem estas vivências. Ou a quem tiver um projeto cultural que esteja em sintonia com os propósitos do local e que assim, possam pagar para usar os espaços e gerar renda para o município. O público que se estima ser atendido e que fará uso deste espaço como aprendiz será diversificado, podendo atrair tanto jovens como adultos, crianças e idosos, ou seja, o complexo estará a disposição de qualquer pessoa, tanto do município quanto das proximidades, que se sentirem interessadas por estas vivências culturais.

7.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O programa de necessidades para o projeto proposto nesta pesquisa, foi desenvolvido a partir de estudos de referências e o dimensionamento foi estabelecido com base no livro “ Neufert: Arte de Projetar em Arquitetura”. O programa foi dividido em 4 setores nomeados Memória, Oficinas Culturais e Apoio e Áreas externas. As descrições dos espaços e dimensionamento estão inseridos nas Tabelas 2 e 3.

Memória: Atividades que acontecem dentro da “Casa de Pedra”. A recepção ao público, um pequeno memorial e bar café. Um espaço livre de barreiras visuais, com intenção de ser ele mesmo a atração, proporcionando a contemplação da antiga casa, já que esta não possui divisórias.

Oficinas Culturais: Dedicado aos ambientes onde acontecerão as vivências, aqui chamadas de oficinas. Nestes espaços acontecerão as práticas e ensinamentos relacionados aos saberes da música, canto e idioma alemão. Um espaço multiuso com potencial para abrigar acontecimentos como pequenas apresentações, debates, palestras ou workshops, também está disponível no programa. O pátio aberto que serve como transição de um volume ao outro, neste caso a antiga casa e o edifício novo, foi pensado a fim de proporcionar encontros e atividades temporárias de diversos tipos, como apresentações, feiras de antiguidade, artesanato local e também será um local convidativo a contemplação da antiga casa.

Apoio: Ambientes que darão o suporte e viabilidade para que as atividades propostas aconteçam, trazendo a funcionalidade ao programa. São eles: a administração, depósito, sanitários e serviço.

Áreas externas: Estes espaços são, um pátio livre, que abrigará feiras itinerantes, apresentações culturais e servirá de espaço de convívio dos usuários, e um estacionamento aberto.

Tabela 2 - Programa de Necessidades e Pré-dimensionamento

Memória							
Ambiente	Função	Nº pessoas	Unid.	Mobiliário	Área(m²)	Subtotal(m²)	Fonte
Recepção	Espaço social de recepção	1	1	Balcão, mesa, cadeira, guarda volumes	20	20	Baseado na área da pré existência
Bar/café	Café	15	1	Bancada preparo, balcão atendimento, 3 banquetas, 3 mesas p/ 4 pessoas	30	30	Baseado na área da pré existência
Memorial	Espaço exposições / memória	15	1	5 ou 6 totens interativos e 3 expositores horizontais	128	128	Baseado na área da pré existência
						Total(m²):178	
						15% circ.: 204,70m²	
Oficinas Culturais							
Ambiente	Função	Nº pessoas	Unid.		Área(m²)	Subtotal(m²)	Fonte
Oficina Coral	Sala para oficinas de ensaios de coral	15	1	Estrado p/ 15 pessoas, 15 banquetas, piano de parede, armário de apoio	40	40	Neufert
Oficina Música	Sala para oficinas de ensino musical	15	1	9 banquetas, 9 porta partitura, armário para instrumentos	40	40	Neufert
Oficina idioma	Sala para oficinas de ensino idioma	15	2	15 carteiras escolares, mesa professor, 1 cadeira e armário pequeno	40	80	Neufert
Oficina Música	Sala para ensino e ensaio individual	2	2	2 Cadeira, 2 porta partitura, 1 mesa pequena para apoio	10	20	Neufert
Sala multiuso	Apresentações, palestras	30	1	30 a 50 cadeiras empilháveis, palco, apoio parlatório	100	100	Neufert
Sala multiuso	Sala para reuniões ou pequenos encontros	10	1	1 mesa para 10 pessoas, 10 cadeiras e 1 aparador	20	20	Neufert
						Total(m²):300	
						15% circ.: 345,00m²	
Apoio /Serviço							
Ambiente	Função	Nº pessoas	Unid.		Área(m²)	Subtotal(m²)	Fonte
Administração	Sala para setor administrativo	3	1	3 mesas para computador, 3 cadeiras giratórias 3 gaveteiros, 1 armário	10	10	Neufert
Depósito	Materiais das oficinas, instrumentos, doações	1	1	Armário p/ pequenos instrumentos, prateleiras p/ materiais de reparo e doações	10	10	Neufert
Sanitários	Sanitários para funcionários e usuários	6	2	2 sanitários simples e 1 acessível em cada e 3 lavatórios	20	40	Neufert
Área serviço	Materiais de limpeza e máquina de lavar	1	1	Máquina lavar, tanque, armário	10	10	Neufert
						Total(m²):70	
						15% circ.: 80,50m²	
Áreas externas							
Ambiente	Função	Nº pessoas	Unid.		Área(m²)	Subtotal(m²)	Fonte
Pátio aberto	Encontros, apresentações	50	1	Espaço livre que abriga eventos itinerantes como feiras apresentações	200	200	Baseado na área da pré existência
Estacionamento	1 Vaga a cada 100m² construídos: 7 vagas	8	1	7 vagas para estacionamento aberto e 1 vaga acessibilidade	100	100	PDDUA Igrejinha
						Total(m²):300	

Fonte: Autora, 2015

Tabela 3 - Quantitativo dos setores

Memória	204,70 m²
Oficinas Culturais	345,00 m²
Apoio / Serviço	80,50 m²
Total edificado	630,20 m²
Áreas abertas (Pátio e estacionamento)	300 m²
TOTAL	930,20 m²

Fonte: Autora, 2015

A fim de obter informações sobre os tipos de instrumentos e suas devidas dimensões e características, foi feita entrevista com o Senhor Anibal Sander (Apêndice). Ele informou quantidades e tipos de instrumentos usados nas bandas típicas. Segundo ele, para uma bandinha alemã estar completa, é necessário, pelo menos de 8 a 10 integrantes com os respectivos instrumentos: 2 Saxofones, 2 Pistões, 1 Trombone, 1 Gaita, 1 Surdo e 1 Tarola. A banda do senhor Anibal conta com dois instrumentos diferentes dos já citados, que são o Souzafone e o Marimbau. As imagens e medidas de todos instrumentos citados, encontram-se na Tabela 4. O objetivo é proceder com um levantamento a fim de dimensionar corretamente os espaços, como armários e depósitos, que servirão para armazenar estes instrumentos.

Tabela 4 - Instrumentos Musicais

Instrumento	Imagem	Dimensões L X H X P (cm)	Instrumento	Imagem	Dimensões L X H X P (cm)
Saxofone		20x70x20	Marimbau		40x1,40x25
Gaita		50x45x25	Tarola		40x10 diâmetro x altura
Surdo		46x56 diâmetro x altura	Trombone		26x28x93
Souzafone		90x1,35x40	Pistão		50x20x20

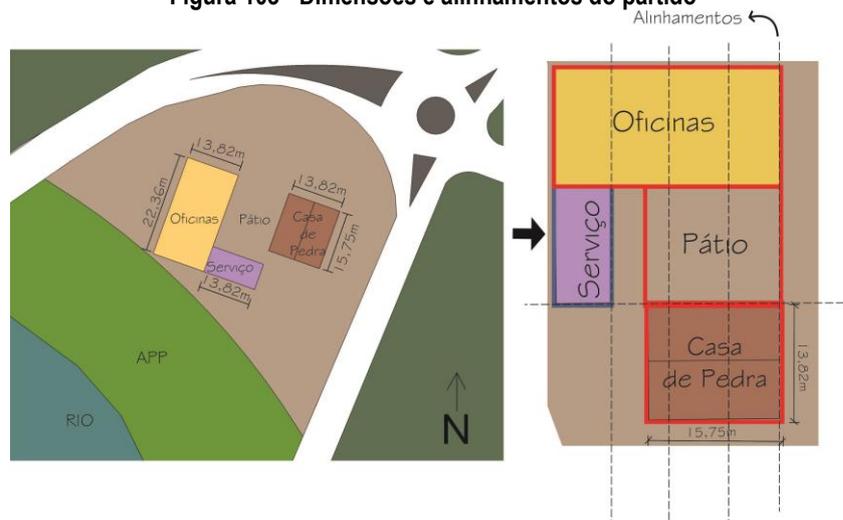
Fonte: Autora, 2015

7.3 ESTUDOS DO PARTIDO E VOLUMETRIA

Esta proposta para de projeto busca criar espaços para acontecimento de práticas relacionadas aos saberes culturais locais, como música, canto e idioma alemão e também alocar na pré-existência um pequeno memorial sobre a história da edificação e local. As atividades de oficinas de saberes locais fazem parte da cultura do município, e o objetivo principal é fomentar o interesse da população em aprender e vivenciar estas culturas. Atividades musicais e experiências culturais pedem espaços convidativos e ao mesmo tempo intimistas, para facilitar a concentração e aprendizagem das práticas vivenciadas. Por isso, se pretende alocar as salas para práticas culturais na nova edificação e a antiga casa servirá somente para recepção e memorial.

Para evidenciar estas características foram estabelecidas algumas intenções projetuais relacionadas ao partido arquitetônico através de estudos referentes à volumetria e características espaciais (Figura 103).

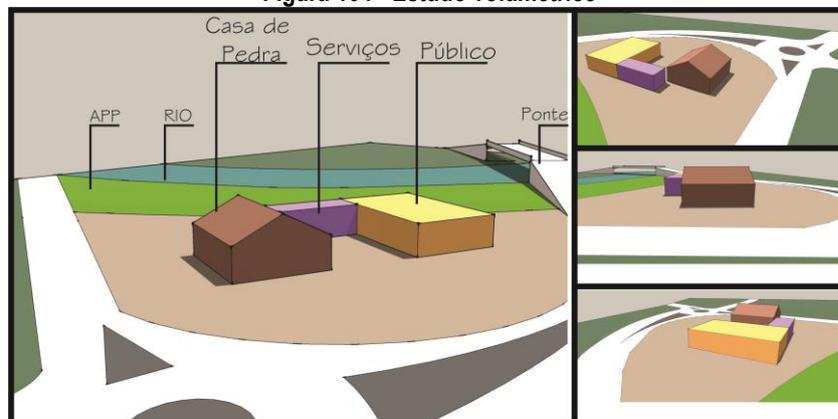
Figura 103 - Dimensões e alinhamentos do partido



Fonte: Autora, 2015

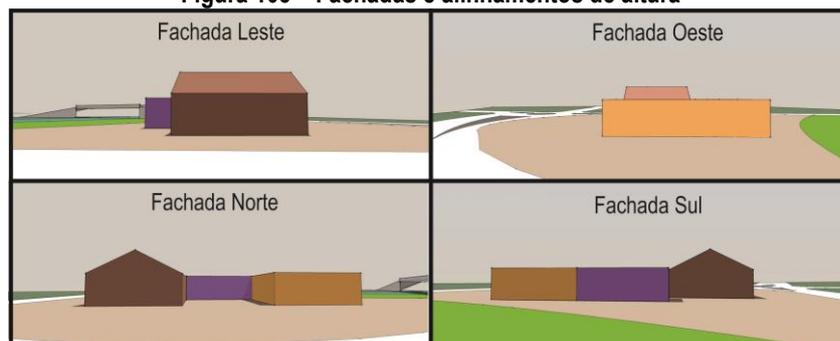
As dimensões dos volumes do projeto ficaram com área dentro do que foi estimado no programa de necessidades. A altura do novo volume segue o alinhamento da altura do pé direito da antiga casa (Figura 104), no estudo de volumetria e proporções em 3d (Figura 105) é possível perceber os alinhamentos e alturas mencionadas.

Figura 104 - Estudo volumétrico



Fonte : Autora, 2015

Figura 105 – Fachadas e alinhamentos de altura



Fonte : Autora, 2015

8 NORMAS TÉCNICAS

Para referenciar e adequar o projeto às normas vigentes foram analisadas as Normas Técnicas Brasileiras NBR 9050/2004 para Acessibilidade, 9077/1993 para Saídas de Emergência e 5626/98 para dimensionamento do reservatório.

8.2 NBR 9050/2004 - ACESSIBILIDADE, MOBILIÁRIOS, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS

Esta norma estabelece as regras para acessibilidade e segurança dos espaços. Foram analisados os parâmetros que se relacionam com o projeto proposto, a fim de dimensionar de forma correta, deixando-o acessível a qualquer pessoa.

O projeto proposto deve atender aos critérios de acessibilidade universal que são determinados nesta norma, a fim de propor ambientes e rotas adequados ao uso por portadores de deficiências físicas.

8.2.1 Acessos e circulações

Uma rota para se considerar acessível, deve compreender um trajeto contínuo, sem obstruções e bem sinalizado, que conecta ambientes interno e externos com facilidade, e que possa ser utilizado de forma autônoma e segura por todos, principalmente aos portadores de deficiência física. Para fins de dimensionamento deve ser considerado o módulo de referência apresentado na NBR 9050 (Figura 106), bem como as larguras de deslocamento em linha reta (Figura 107).

Figura 106 - Módulo de referência

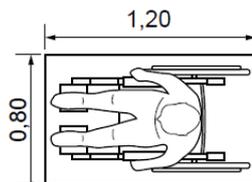
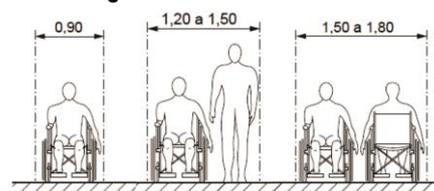


Figura 107 - larguras de deslocamento em linha reta



Fonte: NBR 9050 (2015)

Os pisos devem ter a superfície regular, estável e antiderrapante, não podem provocar trepidação em dispositivos com rodas. A inclinação da superfície é até 2% para pisos internos e 3% para pisos externos. As rampas devem ser calculadas seguindo a seguinte equação $i = hx100/c$, onde i é

inclinação, em porcentagem; h é altura do desnível a ser vencido; e c é o comprimento da projeção horizontal. Para rampas que atingirem inclinação entre 6,25% e 8,33% devem ser previstas áreas de descanso em patamares a cada 50 metros de percurso.

Quanto à largura mínima recomendável para rampas esta não deve ser menor do que 1,20 metros, sendo o ideal 1,50 metros. Deve ser previsto também patamares no início e no final das rampas com dimensão recomendável 1,50, sendo o mínimo permitido 1,20 metros.

8.2.2 Acessibilidade em imóveis tombados

A preservação e proteção do patrimônio cultural é uma determinação constitucional e esta constituição garante o direito de todos à igualdade e também o direito das pessoas portadoras de deficiência à acessibilidade. Essa proteção tem como um de seus principais fundamentos o princípio da igualdade, uma vez que o objetivo maior é garantir o direito às futuras gerações de apreciarem esses bens com a mesma liberdade de acesso que possui a presente geração. O Decreto-Lei n.º 25/1937, é o documento que criou o instituto do tombamento no Brasil, e em seu art. 17, determina que: “as coisas tombadas não poderão, em caso nenhum, ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia autorização especial do Serviço do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ser reparadas, pintadas ou restauradas” (PEREIRA E LIMA, 2006).

As edificações tombadas que são de uso público, possuem uma série de restrições no que diz respeito a modificações em suas estruturas. Entretanto, há diretrizes para adaptação dos imóveis tombados a fim de garantir oportunidade às pessoas portadoras de deficiência de usufruírem destes bens.

Portanto, os acessos, espaços de circulação, serviços e equipamentos acessíveis em imóveis tombados devem estar de acordo com os parâmetros estabelecidos pela norma técnica “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos” (NBR9050/2004), da Associação Brasileira de Normas Técnicas, a fim de garantir segurança e autonomia às pessoas portadoras de deficiência (PEREIRA E LIMA, 2006).

A Associação Brasileira de Normas Técnicas, em sua norma 9050 (ABNT, 2015) aponta que, em casos de áreas ou elementos considerados inacessíveis ou com visitação restrita, é necessário se garantir o acesso por meio de informação visual, auditiva ou tátil destas áreas. Tratando-se de elementos cuja adaptação não seja possível, este deve ter as condições de acessibilidade informadas com antecedência através de divulgação vinculadas ao material publicitário.

8.3 NBR 9077/2001 - SAÍDAS DE EMERGÊNCIA

Para adequar o projeto desta pesquisa à Norma Brasileira 9077/1993, referente às saídas de emergência, foi feita uma análise e uma síntese das informações necessárias aos dimensionamentos especificados na norma.

Primeiramente os edifícios são classificados quanto à ocupação, e as saídas de emergência serão dimensionadas de acordo com a função da população. O projeto proposto se encaixa na divisão F-1 da Tabela 1 que se encontra na página 21 desta norma, como sendo um local de uso para Museu, galeria, biblioteca, café e semelhantes. Portanto, de acordo com esta classificação, a Tabela 5 que se encontra na página 29 desta mesma norma, dimensiona as saídas de emergência e no caso deste projeto deverá obedecer a unidade de passagem de 1 metro (ABNT, 2001).

Em relação ao número de saídas e tipos de escada, estes são consultados na Tabela 2, página 27 desta norma e neste caso se encaixa na categoria “Edificações baixas”, sendo menor ou igual a 6 metros de altura. Com isso, a norma indica na sua Tabela 3, página 28, que a edificação necessita apenas de 1 escada comum não enclausurada (ABNT, 2001).

8.4 NBR 5626/98 - DIMENSIONAMENTO DOS RESERVATÓRIOS

O volume mínimo nos reservatórios de água, conforme a NBR 5626 (ABNT, 1998) deve ser o necessário para um dia de consumo acrescido da reserva de incêndio.

Para o cálculo dos reservatórios é usada a seguinte fórmula $V_{\text{mín}} = CD + \text{Incêndio}$. Para calcular o CD (Consumo Diário) utiliza-se a fórmula $CD = N \times C$. Onde C = Consumo diário; N= População abastecida; C= Consumo por unidade.

Para se estimar o consumo diário de é necessário que se conheça a quantidade de pessoas que ocupará a edificação. O projeto proposto foi encaixado na tabela da norma conforme uso compatível que neste caso é Museu, sendo assim a taxa de ocupação é de uma pessoa a cada 5,50m² de área. Conhecida a população é necessário calcular o consumo por pessoa. O projeto pretendido tem, de acordo com a norma, o consumo per capita de 50 litros por dia. De acordo com a norma, a reserva mínima de combate a incêndio por hidrantes, para edificações que possuam área até 2.500 m² é de 8.000 litros. Sendo assim, o cálculo do reservatório para 1 dia de reserva e cota para incêndio deste projeto é o seguinte:

$$\text{N}^\circ \text{ de pessoas } (1.048\text{m}^2/5,50\text{m}^2) = 190 \text{ pessoas}$$

$$\text{Contribuição em litros por pessoa} = 50 \text{ litros por dia}$$

Volume total do reservatório= 9.500 litros

Reserva de incêndio = 8.000 litros

9 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Apresenta-se aqui, um breve estudo sobre possíveis materiais e técnicas construtivas a serem utilizadas com intenção de apoiar e respaldar o projeto, de forma a garantir melhor qualidade térmica, visual e acústica tanto da edificação nova quanto da antiga casa a ser preservada e restaurada.

9.1 INTENÇÕES DE PROJETO E DE RESTAURO

O estudo de materiais e técnicas pretendidas para este projeto tem como finalidade valorizar a pré-existência, agregando valor patrimonial, respeitando seus alinhamentos e alturas, bem como para o novo edifício, fazer uso de materiais de caráter diferenciado do existente na antiga casa, mas que dialogue com a época e estilo, enfatizando o valor arquitetônico de cada edificação. A edificação nova deve fazer alusão estética a “Casa de Pedra”, através do uso de pedras aparentes, de forma a se referir às pedras que estão no nome da casa, mas não estão à vista. A intenção é trazer as pedras que denominam a edificação e que deram origem também ao nome do Bairro onde ela se encontra.

Em relação às ações de projeto de restauro, diretamente relacionadas à edificação histórica, conforme a teoria de Cesare Brandi (1977) em relação ao edifício patrimonial, chamado por ele de “obra de arte” as intervenções e acréscimos inseridos a fim de preservação, manutenção e reabilitação, devem ser facilmente reconhecíveis, mesmo para pessoas leigas no assunto, e devem ser reversíveis, permitindo sua retirada, caso haja uma eventual intervenção futura. É com base nesta teoria que se pretende propor intervenções que causem o menor impacto visual e estrutural possível, possibilitando o seu fácil reconhecimento como elemento novo e permitindo da antiga edificação e de todos os seus elementos.

Este foi um dos motivos da escolha do material gabião para ser usado na edificação nova do projeto. Pela sua materialidade e caráter robusto, as pedras aparentes do gabião são intenções projetuais de partido, pois servirão para aludir às pedras da antiga casa.

9.1.1 Gabião

Os edifícios destinados ao uso público e cultural instigam a obterem projetos mais ousados com uso de materiais e técnicas construtivas inovadoras, fazendo com que o público queira estar ali,

não só pelas atividades que acontecem no edifício, mas também por quererem experimentá-lo como arquitetura.

As paredes e muros de gabião são estruturas tipo gaiolas feitas em aço, formando telas com malhas hexagonais, que se tornam sólidas quando preenchidas com pedras, formando elementos prismáticos ou cilíndricos. Esta solução é utilizada na arquitetura e na construção desde o século XIX. Muito comparado aos muros de arrimo, o gabião tem surgido como tendência em projetos de arquitetura, desde fachadas(Figuras 108, 109 e 111) até o paisagismo (Figura 114) e interiores (Figuras 112 e 113).

Um ponto positivo deste material é a construção seca, gerando poucos resíduos na obra, formando estruturas monolíticas prontas para o uso. Em relação ao impacto ambiental, os gabiões apresentam mínimo impacto. As telas de aço são recicláveis e as pedras podem ser de rios e de fornecedores locais. Recentemente se tornaram possibilidades de preenchimento com materiais alternativos e também entulho (DO VALE, 2015).

Figura 108 - Bosque Altozano Club House



Fonte: Archdaily, 2010

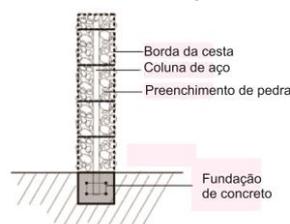
Figura 109 - Metropolitan Park South Access



Fonte: Archdaily, 2013

Existem 3 tipos de gabiões, são eles: caixa, colchão e saco. O gabião de caixa tem a forma de um paralelepípedo com tampa e uma série de divisões internas. Semelhante ao de caixa, o formato colchão é mais achatado e atinge maiores dimensões. E o formato de saco, que serve para a fundação de estruturas em geral, redes para proteção de encostas e assentamento de leitos de rio. A fim de exemplificar melhor, a Figura 110 mostra um corte de uma parede em gabião do tipo caixa (DO VALE, 2015).

Figura 110 - Corte em uma parede de Gabião



Fonte: STONE GABION, 2015

Nos projetos de paisagismo os gabiões têm um fator importante, pois todos têm características permeáveis e efeito drenante, o que ajuda a consolidar o solo e evitar a erosão deixando a vegetação crescer.

Figura 111 - Gabião paredes externas



Fonte: Inhabitat, 2015

Figura 112 - Gabião visual interno



Fonte: Inhabitat, 2015

Figura 113 - Gabião ambiente interno



Fonte: Do Vale, 2015

Figura 114 - Gabião no paisagismo



Fonte: Do Vale, 2015

A estética de um projeto com gabião depende das pedras escolhidas. As pedras mais recomendadas são: britada ou rolada. No caso de serem feitos com fragmentos, estes devem ser maciços e duros, ou seja, não podem fragmentar-se facilmente, e também, deve se ter o cuidado para que as pedras sejam maiores que os vãos da tela. É muito comum o uso de granito, calcário, basalto e seixos e não é permitida a utilização de moledos, rochas em decomposição, arenito ou capa de pedreiras (GABIÕES, 2015).

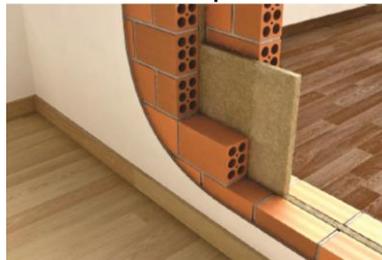
9.1.2 Isolamento Acústico

A NBR 12.179/92 e a NBR 10.152/87 são normas brasileiras que tratam sobre conforto acústico. A primeira sobre tratamento acústico em recintos fechados e a outra sobre níveis de ruído compatíveis com cada atividade. Estas normas serão consultadas principalmente pois o projeto proposto é um local onde acontecerão práticas musicais, canto e conversação e o perfeito entendimento da palavra falada é primordial para as oficinas de idioma alemão.

Para melhor entendimento e decisões projetuais sobre este assunto, é preciso levar em conta que existem duas questões: o isolamento acústico e o controle de reverberação. O isolamento acústico é o método que controla a entrada ou saída de qualquer tipo de ruído, levando-se em consideração que onde passa ar, também passa ruído. Por isso, o isolamento deve atuar em paredes, portas, janelas e piso. Já o controle de reverberação evita reflexão de som excessiva. Este controle é feito com o uso de materiais de revestimento considerados absorventes, como espuma acústica, lã de madeira, lã de vidro ou lã de rocha e também o uso de carpetes, tecidos de parede etc. Outra questão importante é trabalhar sempre com produtos que tenham controle anti chamas (ACÚSTICA, 2015).

A utilização do material Lã de Rocha entre as paredes duplas de alvenaria cerâmica tem a finalidade de elevar o conforto termo acústico e também atende aos requisitos da NBR 15575 – Desempenho de Edifícios. Esta solução será adotada para isolamento acústico entre salas do projeto proposto (Figura 115).

Figura 115 - Paredes duplas com lã de rocha



Fonte :Loguel, 2015

Com a intenção de proporcionar uma acústica adequada, principalmente nas salas de prática musical e canto coral, será utilizado um revestimento que elimina reverberações características em ambientes construídos em alvenaria. No mercado existem diversos tipos de revestimentos que se adequam a esta finalidade, porém o escolhido para ser utilizado é o poliuretano expandido flexível, aditivado com agentes anti chamas. As Figuras 116 e 117 mostram que existem opções de design e estética modernos sendo possível tirar partido deste material como estratégia visual de projeto de interiores.

Figura 116 - Revestimento acústico em poliuretano Ginkgo



Fonte: Blastion (2015)

Figura 117 - Revestimento acústico em poliuretano Tea



Fonte: Sancal (2015)

10 CONCLUSÃO

O estudo e análise da história de Igrejinha evidenciam o elo que a cidade tem com seu passado e sua cultura original, vinda com os imigrantes alemães que colonizaram nossa região, por isso a história da edificação 'Casa de Pedra' tem nela própria, a justificativa para o ato de conservação e uma proposta de intervenção, pois fez parte da história do início e fundação da localidade.

A importância da edificação a ser restaurada, e o estado atual em que se encontra, torna urgente proceder com uma ação para sua preservação, sendo pertinente um projeto de restauro e consolidação da antiga casa, bem como o seu novo uso, requalificando e significando o lugar.

Através de análises e conversas com pessoas do município que ocupam cargos relacionados à cultura, obteve-se a informação de que a cidade tem a necessidade e interesse de que a casa seja restaurada e que nela aconteça alguma atividade ou ação relacionada às práticas culturais trazidas pelos alemães e que até hoje fazem parte do dia-a-dia da cidade. Estas atividades classificam-se como patrimônio imaterial e as vivências culturais e oficinas propostas para acontecerem na edificação, irão contribuir para garantir que este patrimônio se mantenha vivo.

Portanto, através de um projeto que valorize este local, os cidadãos de Igrejinha terão a certeza de que a antiga "Casa de Pedra" permaneça como testemunho de um tempo que já não existe, porém, se equipada e preparada para novos tipos de atividades como a música, o canto e o idioma alemão, uma nova etapa será iniciada com "SteinHaus: Um espaço de vivências culturais" e um novo ciclo se iniciará na longa vida da Casa de Pedra.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACÚSTICA. **Isolamento e Controle de Reverberação.** Disponível em: <<http://www.acustica.ind.br/La%20mineral.htm>>. Acesso em: 20 Nov.2015.

ARCHDAILY. **Bosque Altozano Club House / Parque Humano.** 2010 Disponível em: <<http://www.archdaily.com/63376/bosque-altozano-club-house-parque-humano>>. Acesso em: 10 Jun. 2015.

ARCHDAILY. **Metropolitan Park South Access / Polidura TalhoukArquitectos.** 23 outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/440276/metropolitan-park-south-access-polidura-talhouk-arquitectos>>. Acesso em: 10 Jun. 2015.

ARQUITETURA DO VALE. **O que é gabião?** Disponível em: <http://arquiteturadovale.com/dicas_sugestoes.php?id=MjM0>. Acesso em: 20 Nov. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** Rio de Janeiro, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, **NBR 9077: Saída de Emergência em Edifícios: Procedimentos.** Rio de Janeiro, 1994.

BARCELLOS, Jorge. **O memorial como instituição no sistema de museus:** Conceitos e práticas na busca de um conteúdo. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999.

BRUSSIUS, Marina. FLECK, Sigrid Izar (Org.). **Igrejinha - História que o tempo registra.** Secretaria Municipal de Educação. Rio Grande do Sul, 1991.

CÂMARA MUNICIPAL DE IGREJINHA. **Seção De Legislação Da Câmara De Igrejinha.** Disponível em: <<http://www.camaraigrejinha.cespro.com.br/>>. Acesso em: 07 set. 2015.

CANCLINI, Nestor García. **O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do nacional.** Revista do Patrimônio Histórico Nacional, número 23 / 1994 - p.95-11433.

CARBONARA, Giovanni. **Avvicinamento al restauro: teoria, storia, monumenti.** Liguori, 1997.

CARTA DE VENEZA. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: 11 Set. 2015.

CASA da cultura de Pinhel. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/763955/casa-da-cultura-de-pinhel-depa-architects>>. Acesso em: 21 set.2015.

CHOAY apud L.B. Alberti, **De reedificatoria**, Prólogo, ed.G.Orlandi, Milão, Il Polifilo,1966, p.13.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio;** tradução de Luciano Vieira Machado. 4º ed.-São Paulo-2006.

CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES Niterói RJ: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X.

COUNTY Painters Studio. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/126321/county-cork-painter%25e2%2580%2599s-studio-local>>. Acesso em: 21 set.2015.

ENGELMANN, Erni. **Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. A Saga dos Alemães, vol. III. Rio Grande do Sul, 2007.

ENGELMANN, Erni. **Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. A Saga dos Alemães, vol. II. Rio Grande do Sul, 2005.

ENGELMANN, Erni. **Gesangverein “Sangerbund” zu Santa Maria do Mundo Novo** - Os 125 anos da SUCI. Erni Guilherme. Engelman (org.) – Igreja (RS): Comunicação Impressa, 2012.

GABIÕES. **Gabiões – Modo de execução**. Disponível em: <<http://gabioes.com.pt/gabioes-malha-hexagonal/modo-de-execucao-gabioes>>. Acesso em: 22 Nov. 2015.

GINKGO 2014. Disponível em: <<http://www.blastation.com/products/acoustic-panels/ginkgo2/ginkgo#.VIG4fHarTIU>>. Acesso em: 21 Nov.2015.

GINKGO painéis acústicos. Disponível em: <<http://www.designboom.com/design/stone-designs-accentuates-walls-with-ginkgo-acoustic-panels-02-05-2014/>>. Acesso em 21 Nov.2015.

IGREJINHA. **Decreto nº 266, de 12 de Junho de 1974**. Dispõe sobre desapropriação da “Casa de Pedra”. Prefeitura Municipal de Igreja, 1974.

IGREJINHA. **Lei do Patrimônio nº 3.934, de 14 de Fevereiro de 2008**.. Disponível em: <<http://www.igreja.rs.gov.br/2013/>>.Acesso em: 05 set. 2015.

IGREJINHA. **Lei Municipal Nº 3.824 de 27 de Outubro de 2006. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Rural e Ambiental do Município de Igreja**. Disponível em: <http://www.igreja.rs.gov.br/p.asp?i=80&c=Web%20Site>. Acesso em 05 set. 2015.

INHABITAT. **Basketsfullof local limestone make-up the façade of thiss tunning house in Poland**. Disponível em: <<http://inhabitat.com/baskets-full-of-local-limestone-make-up-the-facade-of-this-stunning-house-in-poland/dom-z-gabionu-4/>>. Acesso em 22 Nov. 2015.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 3ª ed.rev.aum.- Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, 408p.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Notas sobre a Carta de Veneza**. Anais do Museu Paulista, v. 18, n. 2, p. 287-320, 2010.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**. Cotia: Ateliê, 2009.

LOGGUEL. **Apartamentos devem ter isolamento acústico**. Disponível em: <<http://www.locguel.com.br/blog/apartamentos-devem-ter-isolamento-acustico/>>. Acesso em: 20 Nov.2015.

MENDES, Breno Guimarães. **A Fenomenologia De Cesare Brandi: Temporalidade e Historicidade No Restauo.**

MILANESI, Luís. A casa da invenção: biblioteca centro de cultura. Atelie Editorial, 1997.

OFICINAS Culturais do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.oficinas culturais.org.br/institucional/>>. Acesso 27 set. 2015.

PATRIMÔNIO Imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

PEREIRA, Ana Carolina Araujo; LIMA, Erlon de Paula. **Acessibilidade em imóveis tombados.** MPMG Jurídico, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA. **Localização.** Disponível em: <http://www.igrejinha.rs.gov.br/p.asp?i=11&c=Cidade>. Acesso em 20 nov.2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA. **Inventário do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico de Igrejinha.** Pesquisadoras: Dalva Reinheimer e Elaine Smaniotto. 2009.

PROJETO propõe casa de pedra como patrimônio cultural do RS. TCA, Taquara, RS. Disponível em: <<http://www.tca.com.br/capa/noticias.php?id=31796>>. Acesso em: 20 set. 2015.

PUPP SPINASSÉ, Karen. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil:** a língua como fator identitário e inclusivo. Conexão Letras. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3 (2008), p. 125-140, 2008.

RAMOS, Luciene Borges. O centro cultural como equipamento disseminador de informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 3, p. 198-198, 2007.

SCHAUREN, Décio Aloisio. **A imigração Alemã do Rio Grande do Sul.** Famílias de Alegre: EST edições, 2015. 432 p. p. 16 - 30.

STEFFEN, Joachim. **A Vantagem de falar dialeto:** aproveitar as variedades não-padrão para a construção de comunidades multilíngües. Revista Contingentia, v. 3, n. 2, p. 67-76, 2008.

STONE **Gabion: Fencing and retainig walls** .2015. Disponível em: <<http://www.homedesigndirectory.com.au/landscaping/gabion-walls.php>>. Acesso em: 22 Nov.2015.

TEA Paneles acústicos. Disponível em: <<http://www.sancal.com/producto.php?idP=157&idC=14>>. Acesso em: 21 Nov.2015.

VIEIRA, Ana Maria da Costa Leitão. **"OS MEMORIAIS SÃO UM NOVO GÊNERO DE MUSEU?"** REVISTA MUSEU. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=28640>>. Acessado em: 08 Nov.2015.

12 APÊNDICE

12.1 INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E ARTÍSTICO DE IGREJINHA

<h2>Inventário do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico de Igrejinha</h2>	
<p>Denominação: Casa de Pedra Endereço: Rua Tristão Monteiro, 2800- Bairro Casa de Pedra</p> <p>Meio Urbano</p> <p>Proprietário: Prefeitura Municipal de Igrejinha</p>	 <p>Fonte: Dalva Reinheimer e Elaine Smaniotto - 2010</p>
<p>Data da construção: 1862</p> <p>Uso atual (2009): Abriga objetos do Memorial de Igrejinha (sem visitação)</p> <p>Estado de conservação: Ruim</p>	<p>Descrição: Arquitetura de colonização portuguesa. Telhado de duas águas com telhas francesas beirais. Paredes de pedras grês rebocadas. Os marcos das aberturas são de madeira e as janelas não possuem bandeiras, são do tipo tampão. Não possui porão e nem sótão habitável – como era originalmente -. O prédio sofreu alterações como retirada de uma janela lateral que foi substituída por uma porta ligando com a edificação de madeira que foi anexada ao lado. Também foram retiradas as divisões internas – no período em que o prédio foi usado para salão de baile.</p>
<p>Acesso: rua asfaltada Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo, carroça, a pé</p>	<p>Data do levantamento: Agosto de 2009</p> <p>Pesquisadoras: Dalva Reinheimer Elaine Smaniotto</p> <p>Arquiteto: Informações de Karina Bachieri - 2003 Fonte: Observação direta, fotografias, Arquivos da Fundação Cultural de Igrejinha. Entrevista com Selson Flesch para Dalva Reinheimer e Elaine Smaniotto. Machado, Jaqueline Aparecida. Casa de Pedra. In: Reinheimer e Smaniotto. 160 anos da Cultura alemã em Igrejinha. Faccat/Prefeitura Municipal de Igrejinha. 2006.</p>
<p>Parecer Técnico: Esta casa merece atenção especial para sua preservação, pois teve uma enorme importância durante a vinda dos imigrantes alemães de São Leopoldo para Santa Maria do Mundo Novo. Posteriormente diversas funções foram desempenhadas no prédio, sendo sempre um marco referencial para a população de Igrejinha e de outras cidades. A Casa de Pedra é o prédio de maior relevância histórica para a região. Ele atesta os acontecimentos dos 160 anos da Colônia do Mundo Novo. Representa os esforços de colonização servindo, por isso, de demonstração do desenvolvimento atingido nos atuais municípios. Além disso, é o prédio de alvenaria mais antigo do vale do Paranhana, permanecendo como símbolo do trabalho e da fé que os pioneiros depositaram nesta terra. A Casa de Pedra é parte significativa da memória coletiva da comunidade regional.</p>	

12.2 ASSESSORAMENTO COM A PROFESSORA CINZIA CONTI DA *UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA – LA SAPIENZA*

Cinzia Conti

Roma, 27 ottobre 2015

Arch. Magda ROSI

Gentile Arch. Magda Rosi,
complimenti per il Suo nuovo argomento di studio: il nuovo centro culturale di *Igrejinha* nella prima casa costruita in muratura, nel 1864.
Complimenti anche per il proposito del Sindaco, di realizzare il recupero utilizzando la Sua ricerca.

Ecco i miei suggerimenti.

Gli argomenti sono due: il restauro e il nuovo edificio.

Sul restauro è bene osservare i diversi elementi costruttivi:

- i pavimenti interni;
- l'intonaco e i colori delle pareti interne;
- il soffitto;
- le finestre e le porte con molta attenzione alla ferramenta e alle maniglie, al tipo di vetro;
- la struttura del tetto;
- il manto di copertura;
- le grondaie, i discendenti e il modo di smaltimento dell'acqua della pioggia;
- i camini;
- l'impianto di riscaldamento;
- l'impianto elettrico;
- l'impianto idraulico e il bagno;
- la struttura dei muri esterni;
- la struttura dei muri interni;
- l'intonaco esterno;
- l'attacco a terra, ossia il marciapiede intorno alla casa;
- la vegetazione intorno alla casa.

Per ogni elemento costruttivo dell'elenco sopra citato, sarà utile redigere una scheda, formata da 3 capitoletti:

- 1) analisi della tecnica di esecuzione;
- 2) stato di conservazione, ossia i difetti della tecnica originale, dovuti al tempo trascorso e all'ambiente (per questo Le ho già suggerito di raccogliere le foto delle pareti esterne e di ciò che le pareti vedono);
- 3) proposta di restauro, ripristino, con indicazione di cosa deve essere riproposto.

Per il punto 3, è bene visitare la casa con un artigiano di ogni specialità: un falegname, un muratore, un imbianchino, un elettricista, un idraulico, un esperto di riscaldamento. Chiedendo ad ognuno: si può aggiustare quello che c'è? Come si fa? Oppure come si può rifare?

Sul nuovo edificio da realizzare, ci sono due possibilità di intervento: un edificio completamente moderno (acciaio e cristallo), oppure un edificio secondo la tradizione. Suggestirei questa seconda strada, con volumi e forme simili all'edificio del 1864, pensando a ciò che avrebbe costruito un ingegnere tedesco venuto a *Igrejinha* nel 1890: forse una casa tutta di mattoni rossi a vista, con finestre di legno e dei bei camini.

Aspetto Sue notizie e resto a Sua disposizione per proseguire nella conversazione,

Cinzia Conti

12.3 ENTREVISTAS

Relato das entrevistas feitas com pessoas relacionadas ao assunto em estudo.

12.3.1 Entrevista Juliano Müller

Entrevista com o Coordenador cultural e administrativo da fundação cultural de Igrejinha, realizada no dia 22 de Julho de 2015 nas dependências da Fundação Cultural.

Semanas antes desta entrevista, em uma conversa informal, respondendo a um questionamento pessoal, ele próprio fez a sugestão a mim, sobre o tema para estudo da “Casa de Pedra”. Haja vista seu envolvimento com as questões culturais do município, Juliano já tratou diversas vezes sobre o assunto deste patrimônio em meio ao seu trabalho e almeja um dia conseguir contribuir para que este patrimônio seja salvo e ganhe um uso para a comunidade de Igrejinha. Então, no dia 22 de Julho na oportunidade desta entrevista, pude questioná-lo sobre a situação legal em que se encontrava a casa, ele me informou sobre o Inventário do Patrimônio de Igrejinha, me concedeu cópias de vários documentos relacionados, dentre eles, a declaração de Patrimônio Cultural do Estado, e o Decreto de desapropriação da casa. Juliano me informou da burocracia e dificuldade para aprovação e recebimento de verba para a realização de um restauro da “Casa de Pedra” e disse que a maior dificuldade é a questão de valores, os quais a prefeitura não dispõe e que para que seja enviada ao município, uma verba para isto, é preciso que haja um projeto. Foi então que vislumbramos a possibilidade de, após a conclusão deste Trabalho Final de Graduação, procedermos com a doação do mesmo à Prefeitura Municipal de Igrejinha para que seja encaminhado o processo burocrático, a verba seja liberada e o restauro aconteça.

Durante a conversa também pude fazer algumas indagações sobre quais atividades culturais nós temos e quais seriam as carências no município, a fim de estudar a atividade mais adequada a ser implantada. Juliano me informou sobre as atividades que existem hoje, dentre elas citou ensaios de teatro, dança, música, Falou sobre o desejo de ter um espaço onde poderiam acontecer exibição de filmes, talvez palestras, *workshops* e oficinas para crianças.

Este encontro foi muito produtivo, pois obtive informações e documentos relacionados à Casa de Pedra e pude ouvir diretamente da pessoa responsável pela cultura no município, de que o desejo de salvar este bem existe e é vontade da comunidade que isto ocorra. Juliano se dispôs a escrever um parecer sobre sua opinião quanto a este assunto e segue abaixo as palavras dele:

“A Casa De Pedra

Em meados do século 19, quando foi construída a Casa de Pedra, o Vale do Paranhana, parte da Região das Hortênsias, e parte da região litorânea formavam uma faixa de mata atlântica praticamente virgem, um solo sobre o qual poucos haviam pisado.

A construção edificada por Tristão José Monteiro serviu de pousada para os agrimensores dos lotes que viriam a ser negociados com os colonos. Armazenou secos e molhados que foram vendidos para alimentar aqueles que foram se instalando nos arredores. A fumaça branca da pólvora negra anuviou seu salão principal durante um tiroteio entre chimangos e maragatos. Ecoou os primeiros cantos e a oratória filosófica dos primeiros encontros maçônicos da região. Sobre as tábuas de seu assoalho pingou a tinta da pena que escreveu os, então estranhos, nomes e sobrenomes dos alemães imigrantes que ali foram recepcionados até localizarem seus lotes. Estes últimos acabaram lhe dando o nome Stein Haus (Stein=pedra Haus=casa).

Há quem diga que paredes não falam. Mas quem atua em memória e patrimônio histórico sabe que profissionais capacitados trabalhando em transversalidade coordenada entre áreas como arqueologia e arquitetura, podem coletar muitas informações históricas das paredes de um prédio.

Infelizmente vivemos uma época em que a cultura acaba relegada a um segundo plano de atuação governamental e, no interior deste núcleo cultural, já secundarizado, ainda há o patrimônio histórico que parece estar por último. As políticas públicas direcionadas a memória e patrimônio histórico parecem ser as últimas das últimas operacionalizadas, prova disso é o próprio PAC das Cidades históricas (a melhor promessa nesta área!) que iniciou em 2009 com a promessa de 7 bilhões para obras de restauração em 143 municípios e em 2013 (quando só haviam sido liberados 5 milhões dos 7 bi prometidos) foi reajustado para um novo modelo de 1,9 bilhão destinado a 44 cidades. Atualmente apenas 8 das 425 obras previstas em 2009 estão concluídas.

O estado do RS declara-se sem condições de investimento, atrasando folha de pagamento e se endividando para manter seu próprio custeio. Os municípios cada vez mais se sobrecarregam financeiramente na tentativa de manter serviços básicos à população frente a omissão de União e estado em suas inerentes obrigações.

É neste cenário inóspito que algumas atitudes pessoais e institucionais isoladas tentam manter viva a chama da importância que a Casa de Pedra tem para Igreja e para a região.

Não se pode deixar de mencionar o Centro de Tradições Gaúchas Sentinela da Tradição que se instalou no prédio, ainda no início da década de 1970, deu-lhe manutenção e uso por muitos anos e hoje mantém suas atividades num prédio construído em torno da Casa de Pedra. Enquanto alguns alegam que o CTG usurpou os arredores da Casa de Pedra sendo um apêndice arquitetônico não

condizente com uma tão importante construção histórica outros dizem que sem a existência do CTG ali a Casa de Pedra hoje estaria em ruínas ou seria apenas um monte de escombros. Sem dúvida é uma simbiose arquitetônica, histórica e cultural que deve ser tratada com atenção, respeito e sustentabilidade para projetos e usos futuros.

Tanto quanto as ruínas jesuíticas são importantes para o patrimônio histórico gaúcho e para o Brasil, dadas as devidas proporções, a Casa de Pedra o é para Igrejinha e região.”

Juliano Muller, Igrejinha 24 de novembro de 2015

12.3.2 Entrevista Dalva Reinheimer

Entrevista com a professora e coordenadora do Curso de História da FACCAT (Faculdades Integradas de Taquara), que aconteceu no prédio administrativo do campus desta faculdade no dia 03 de Setembro de 2015. Professora de História em escolas universidades há muito tempo, Dalva já foi também Secretária de Educação de Igrejinha.

Dalva juntamente com a professora Elaine Smaniotto produziram o material, tão importante que temos no município, que é o Inventário do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico. Por todas estas questões constatei a necessidade de marcar esta entrevista.

Quando questionada sobre a opinião que tem sobre a “Casa de Pedra”, esta não deixou de enfatizar o quão importante esta edificação é para a história do povo de Igrejinha e região. Dalva falou brevemente sobre a historia da casa e citou que junto com a “Casa de Pedra” também existiu outra casa na região do município de Taquara hoje, que juntas foram as primeiras edificações em alvenaria. Este exemplar de Taquara pertencia a Guilherme Lahn, mas hoje infelizmente não existe mais, pois fora destruída em meados dos anos 70.

Sobre a necessidade de ser feito o restauro e dar-se um novo uso à casa, Dalva disse o seguinte: “ O Patrimônio precisa ser desejado”. Fazendo referimento a que o povo da cidade precisa ter o desejo de preservar um bem, neste caso a “Casa de Pedra” e se a comunidade desejar, é o primeiro passo para que se faça a preservação.

Na oportunidade questioneei-a sobre quais atividades, na opinião dela, seriam interessantes de serem implantadas neste projeto. Foi quando ela mencionou este paralelo que seria a junção do Patrimônio Material e Imaterial. E me explicou dizendo que como historiadora sabe dos bens imateriais que possuímos e que estão ameaçados. Citou como exemplos as sociedades de canto coral, a gastronomia alemã, o jogo de bolão, os conjuntos musicais de bandinhas típicas e o dialeto e idioma alemão. Ela explicou que quando diz ameaçados, é por que são saberes locais, vindos da nossa

cultura alemã e que se os jovens não começarem a se interessar em aprender e propagar estas culturas, elas desaparecerão.

Esta entrevista foi muito importante para este estudo pois ouvir alguém tão experiente nesta área de História e patrimônio e tão envolvida com estas questões dentro de Igrejinha, foi um privilégio e reforçou ainda mais a minha escolha deste tema como acertada e pertinente para este momento.

Nesta oportunidade, a entrevistada se propôs a escrever algumas palavras sobre a opinião pessoal dela sobre meu tema. Segue abaixo as palavras dela:

“A CASA DE PEDRA

Um prédio é apenas uma construção em que materiais se ajustam e tomam forma. Não há como prever se um prédio novo virá a ser significativo no local onde se encontra e entre as pessoas que o habitam ou o rodeiam. Alguns prédios se destacam pela beleza arquitetônica, pela arrojada engenharia ou pela adequação à paisagem que se integra. Outros adquirem importância ao longo do tempo fazendo parte da História do local da qual faz parte.

Mas para um prédio deixar de ser apenas materiais com forma – grande ou pequeno, complexo ou simples – e ganhe “vida” é necessário que ele seja habitado, utilizado e ganhe significado. Assim ocorreu com a Casa de Pedra.

A importância desse prédio vai além da construção centenária que resiste ao tempo, intempéries e mesmo ao abandono. Essa casa assistiu a mudanças de estilos arquitetônicos mantendo seu estilo colonial, quase rústico e, hoje, talvez, fora de moda. Porém o que atribui importância à Casa de Pedra é essa diferença que oferece a contemporaneidade, a oportunidade de permitir que a atual geração compreenda um outro estilo de casa e assim ou outro estilo de vida em diferentes épocas.

A Casa assistiu saraus, comércio, bailes, discussões em diferentes idiomas, brincadeiras infantis diversas, relacionamentos familiares e comunitários que hoje não compreendemos mais. A casa é testemunha do crescimento da cidade que se distanciou dela e do desenvolvimento da região com a qual colaborou no século passado.

Quando foi construída, não era possível prever o quanto ela resistiria ao tempo - tempos de paz, de lutas, de fartura e de escassez. Tempos em que os vizinhos eram distantes, e a Casa era abrigo para viajantes e servia de repouso para comerciantes, soldados, autoridades e parentes. E o tempo atual em que a Casa está cercada por novos moradores, seu entorno se transformou em ruas movimentadas e por onde pessoas passam diariamente, mas, poucos a observam e reconhecem essa centenária construção que simboliza a fixação do imigrante em toda a região, significa a importância do comércio regional no início do século XIX, demarca o encontro das vias de transporte entre a Estrada

Velha que ligava Taquara e a serra e o rio Paranhana que servia de via para os produtos coloniais após a imigração alemã.

A Casa é testemunha. Está ali observando a modificação da paisagem humana e resistindo junto à paisagem natural.

Hoje é possível verificar a importância da Casa de Pedra. Ainda é possível preservar esse prédio que “guarda” a memória histórica da comunidade regional do Vale do Paranhana. Nossa geração talvez assista ao fim da Casa de Pedra se não dermos a ela usos e ressignificados. Não há como fugir dessa responsabilidade social. Está em nossas mãos decidir se passaremos às futuras gerações esse valor inestimável que é a nossa memória e a nossa história! “

Dalva Reinheimer, Taquara, 17 de Novembro de 2015

12.3.3 Entrevista Ernani Peters

Entrevista feita com o Senhor Ernani Peters, que foi professor de língua alemã durante muitos anos, tem um programa na rádio Amizade só falado no dialeto alemão e também canta em um coral há 52 anos. Este encontro foi realizado na residência do mesmo, no dia 26 de setembro de 2015.

Na oportunidade o Senhor Ernani falou sobre o orgulho que tem de participar há tantos anos deste grupo e que viu os corais desaparecerem ou restarem com poucas pessoas ao longo do tempo, pois os integrantes iam ficando mais velhos, faleciam e os mais jovens não se interessam por esta prática. Ele vê também um fator que contribui para isto o fato de estas atividades serem tradicionalmente de localidades do interior da cidade, onde encontram-se a maioria das Sociedades de Canto.

Senhor Ernani contou que os ensaios dos corais em geral, duram uma hora e meia e acontecem 2 vezes por semana e que nem todos dispõem de espaço próprio para isto. Ele fez questão de contar também sobre a história do Canto Coral no nosso município e relatou que no início em meados de 1910, os corais eram compostos somente por homens, somente depois em 1921 surgiu o primeiro coral misto. Contou também que cada Coral tem a sua bandeira e que ocorre anualmente no dia 25 de Julho, o encontro de corais do município e da região.

Sobre a língua e o dialeto alemão, o entrevistado diz sentir que esta tradição está enfraquecendo com o passar do tempo e que pensa que seria imprescindível, na nossa região, que as crianças tivessem aulas de alemão nas escolas.

Este encontro foi válido, pois pude ter uma noção de como está a situação da prática dos corais no nosso município, os anseios e a opinião de um integrante veterano dos corais e um grande apreciador e propagador da cultura germânica na nossa cidade.

12.3.4 Entrevista Anibal Sander

Entrevista concedida pelo Senhor Anibal Sander de 71 anos, que é músico desde os 10 anos e proprietário de uma das bandinhas típicas mais tradicionais da cidade de Igrejinha. A entrevista aconteceu na Câmara Municipal de Igrejinha, no dia 12 de novembro de 2015.

Anibal relatou que quando criança, aprendeu a tocar clarinete e hoje anima o público da sua bandinha tocando saxofone. Sempre disponível e incansável, participa tocando na Oktoberfest de Igrejinha há 27 anos. O intuito da entrevista era também, colher informações a respeito dos números relacionados a esta prática, como quais tipos e quantidade de instrumentos e quantos integrantes. O Senhor Anibal me passou a informação, de que para uma bandinha alemã conseguir tocar é necessário, pelo menos, 8 integrantes com os respectivos instrumentos, sendo eles:

- 2 Saxofones
- 2 Pistões / trompete
- 1 Trombone
- 1 Gaita
- 1 Surdo
- 1 Tarola

E acrescenta que a bandinha dele possui um diferencial que é tradição e marca registrada, pois possuem um instrumento a mais dos já mencionados, que trata-se de um “rabecão” confeccionado artesanalmente por eles próprios, em madeira e latas.

Quando questionado sobre a opinião em relação ao tema deste trabalho, o mesmo se mostrou muito feliz e acrescentou dizendo que o desejo dele é ver um dia, nas escolas do município as crianças e jovens recebendo aulas de música, pois teme pela tradição das bandinhas típicas pois os integrantes na maioria são homens com uma idade avançada e que se não ensinarem e passarem este dom aos mais jovens, logo não iremos mais conviver com esta tradição. E acrescenta dizendo que a música deveria ser incentivada pois espanta doenças e o amor à música faz bem à saúde.

Conversar com o Senhor Anibal foi um imenso prazer e agregou informações importantes ao meu estudo, sendo possível depois desta entrevista proceder com um levantamento fotográfico dos instrumentos, os quais ele mesmo guarda em sua residência. Desta forma será possível dimensionar adequadamente no projeto proposto, os espaços para guardar os instrumentos que serão usados nas oficinas de música.